

**NÃO É SÓ PRA
INGLÊS VER:**

**propostas de avaliações
diversificadas com viés
contra-hegemônico**

**Luciana Gusmão Pereira de Sá
Christine Sertã Costa
2024**



**NÃO É SÓ PRA
INGLÊS VER:**

**propostas de avaliações
diversificadas com viés
contra-hegemônico**

Luciana Gusmão Pereira de Sá
Christine Sertã Costa

**NÃO É SÓ PRA
INGLÊS VER:**
propostas de avaliações
diversificadas com viés
contra-hegemônico

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S111 Sá, Luciana Gusmão Pereira de
Não é só pra inglês ver : propostas de avaliações diversificadas com viés
contra-hegemônico / Luciana Gusmão Pereira de Sá, Christine Sertã Costa.
- 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2025.

130 p.

Bibliografia: p. 128-130.

ISBN: 978-65-5930-270-3.

1. Língua inglesa - Estudo e ensino. 2. Avaliação da aprendizagem.
3. Hegemonia. 4. Pedagogia crítica. 5. Formação docente. I. Costa,
Christine Sertã. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 428

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

CARTA AO PROFESSOR

Caro professor,

ficamos muito felizes de saber que este caderno pedagógico chegou às suas mãos e esperamos que você possa fazer um ótimo uso dele. Para isso, viemos explicar alguns detalhes que podem otimizar sua utilização deste material de acordo com sua disponibilidade de tempo e da intenção por trás do uso desta ferramenta pedagógica.

Este caderno pedagógico foi inicialmente pensado para a disciplina de Língua Inglesa em turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. Contudo, isso não o limita, pois ele conta com sugestões práticas de adaptações das atividades sugeridas para outras disciplinas (como Língua Portuguesa, Matemática, Filosofia, Sociologia, História, Geografia e Educação Física - podendo ainda ser adaptado para outras disciplinas do currículo escolar) e também para outras séries e até outras etapas da escolarização (como Educação Infantil, Primeiro e Segundo Segmentos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e até Ensino Superior).

Além das sugestões de atividades a serem conduzidas com suas turmas, este caderno pedagógico também conta com um breve Referencial Teórico, para aqueles docentes que desejarem se debruçar sobre a avaliação escolar e a contra-hegemonia, temas que norteiam todas as atividades avaliativas propostas neste caderno.

Caso você não disponha de tanto tempo para se aprofundar sobre esses temas, mas deseje conduzir atividades avaliativas alternativas às provas ou testes - que poderão vir a se somar a eles, que costumam ser obrigatórios na maioria das instituições de ensino do nosso país - com suas turmas, você poderá “pular” a seção que aborda o Referencial Teórico. Dessa forma, você pode seguir direto para as páginas que contém sugestões de atividades, que estão organizadas em três unidades temáticas. A Unidade 1 aborda a desigualdade de gênero. A Unidade 2 trata da questão racial. Já a Unidade 3 gira em torno da imigração/xenofobia.





Este caderno pedagógico conta ainda com uma sessão em que sugerimos outros temas que podem ser abordados em atividades avaliativas que se pretendam contra-hegemônicas tanto em relação ao tema, quanto à forma de avaliação conduzida.

No sumário, disponível a partir da próxima página, você poderá ver não somente as páginas de início de cada seção, como também as outras disciplinas e outras séries contempladas nas atividades alternativas sugeridas em cada unidade temática.

Desta forma, você poderá fazer uso deste material da forma que melhor lhe aprouver: enriquecendo seus conhecimentos teóricos acerca dos temas que envolvem a avaliação sob uma perspectiva contra-hegemônica, ou partindo direto para a parte de sugestões práticas de atividades avaliativas.

Faça bom proveito!

As autoras.

RESUMO

Este caderno pedagógico é resultado de uma pesquisa de mestrado profissional que propôs a elaboração de atividades avaliativas com enfoque contra-hegemônico para a disciplina de Língua Inglesa. O estudo, de abordagem qualitativa, foi desenvolvido com base na prática docente e na escuta de professores participantes de um curso de extensão. As propostas são voltadas para o 9º ano do Ensino Fundamental, com possibilidades de adaptação para outras séries e outras disciplinas. Organizadas em três unidades temáticas — desigualdade de gênero, questão racial e imigração/xenofobia —, as atividades visam a promover o pensamento crítico, a inclusão e a justiça social. O material estimula práticas avaliativas formativas, reflexivas e contextualizadas, que valorizam os saberes dos estudantes e ampliam sua participação no processo de aprendizagem. A pesquisa concluiu que práticas avaliativas alinhadas a uma perspectiva crítica e democrática contribuem para tornar a avaliação um instrumento de transformação social e pedagógica na escola.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação; contra-hegemonia; pedagogia crítica; língua inglesa; formação docente.

SUMÁRIO

Introdução	14
Referencial Teórico	17
I. Avaliação Escolar	17
II. Hegemonia e Contra-Hegemonia	23
Unidade 1: Desigualdade de gênero	30
I. Objetivos	31
II. Contextualização	31
1. If I Were A Boy – Beyoncé	31
2. He For She – Emma Watson	36
3. Yellow Wallpaper – Charlotte Perkins Gilman ..	37
III. Aspectos Linguísticos	39
IV. Proposta Avaliativa	41
V. Critérios de Avaliação	43
VI. Materiais Alternativos de Acesso Livre para a Contextualização	45
1. Compilação de Relatos dos Alunos	45
2. Chimamanda – We Should All Be Feminists	46
3. Reshma Soujani – Teach Girls Bravery, Not Perfection	47
4. The Man – Taylor Swift	48
5. Biographies	49
VII. Atividades Alternativas para Outras Séries	51

1. Biografias Em Português - EF2/EM	52
2. Jobs - EI / EF1	54
VIII. Sugestões de Atividades Alternativas para Outras Disciplinas	56
1. Material de Conscientização para a Comunidade Escolar - História, Geografia, Sociologia ou Língua Portuguesa	56
2. E Eu Não Sou Eu Uma Mulher? - Sojourner Truth - Filosofia, Sociologia	57
3. Não Se Nasce Mulher, Torna-Se Mulher - Simone De Beauvoir - Filosofia, Sociologia	53
4. Primeiro Passo - Kell Smith e Nathan Pereira da Silva - Língua Portuguesa	58
5. Artistas Feministas - Artes Visuais	59
Unidade 2: Questão Racial	60
I. Objetivos	61
II. Contextualização	62
1. Brown Skin Girl - Beyoncé	62
2. Dear White People - Netflix	62
III. Aspectos Linguísticos	66
IV. Proposta Avaliativa	67
V. Critérios de Avaliação	70
VI. Materiais Alternativos de Acesso Livre para a Contextualização	72

1. Relatos dos Alunos Sobre a Questão Racial	72
2. Discurso do Vinny Jr. sobre Racismo	73
3. Hair Love - Curta Metragem	74
4. Biographies	75
5. Don't Touch My Hair - Solange Knowles	77
6. Flicts - Ziraldo	78
VII. Atividades Alternativas para outras Séries	80
1. Film Trailer and Review - EM	80
2. Fact File - EF1 / EF2	82
3. Flicts - Ziraldo - EI / EF1 / EF2	83
4. Livros: Lá Fora - André Neves ou Tudo Bem Ser Diferente - Todd Parr - EI / EF1	85
5. Biografias em Português - EF2	87
6. Biografia de Dandara e Zumbi - Coleção Black Power e História Para Ninar Gente Grande - EF2	89
VIII. Sugestões de Atividades Alternativas para outras Disciplinas	92
1. Cultura Negra - Geografia, História, Sociologia ..	92
2. Jogos de Povos Originários - Língua Inglesa ou Portuguesa, Matemática e Artes	92
3. Humanae - Angélica Dass - Artes Visuais	93
Unidade 3: Xenofobia / Imigração	95
I. Objetivos	96
II. Contextualização	96

1. Trailers	96
2. Notícias	99
3. Grafite	101
III. Aspectos Linguísticos	102
IV. Proposta Avaliativa	103
V. Critérios de Avaliação	104
VI. Materiais Alternativos de Acesso Livre para a Contextualização	105
1. Xenophobia in America: How We Got Here and What's at Stake - Erika Lee	106
2. Migrar - José Manuel Mateo	108
3. Calm Down - Rema e Selena Gomez	108
4. A Refugee's Journey - Video	110
VII. Atividades Alternativas para Outras Séries	111
1. Contação de Histórias sobre Diferentes Países - EI / EF1	111
2. Stand Up Comedy - Trevor Noah - EM	113
3. A Jabota Poliglota - Denilson Baniwa - EI	115
4. O Que Ficou pra Trás - Netflix - EM / Subsequente / Graduação	116
VIII. Sugestões de Atividades Alternativas para Outras Disciplinas	117
1. Notícias - Língua Portuguesa, Sociologia, Geografia	117

2. Migração Forçada - Artes	120
3. Artes e Imigração / Xenofobia - Informática Educativa	121
4. Dança - Educação Física	121
Outros Temas	123
A Elaboração do Produto Educacional	125
I Percurso de Criação do Produto Educacional (PE)	126
II Considerações Finais	127
Referências	128





INTRODUÇÃO

Este caderno pedagógico consiste em uma coletânea de atividades em Língua Inglesa com foco em questões contra-hegemônicas. O material culmina em propostas de atividades avaliativas diversificadas, pensadas para o nono ano do Ensino Fundamental, mas com sugestões de adaptação para outros segmentos da escola básica e até para outras disciplinas. Essa coletânea está organizada por meio de um caderno pedagógico no formato digital.

Este caderno, que é o Produto Educacional (PE), fruto da pesquisa de mestrado intitulada AVALIAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA EM LÍNGUA INGLESA, fundamenta-se principalmente no conceito de avaliação como prática transformadora, proposto por Luckesi, e na ideia de contra-hegemonia, desenvolvida a partir do conceito de hegemonia proposto por Gramsci.

O PE foi validado por docentes que participaram de um curso de extensão sobre avaliação sob um viés contra-hegemônico em Língua Inglesa e as principais sugestões coletadas propiciaram o aprimoramento do presente caderno.

As atividades aqui propostas, pensadas para o nono ano do Ensino Fundamental, estão organizadas em unidades temáticas. Os temas de cada unidade têm uma abordagem contra-hegemônica e buscam problematizar padrões opressores impostos a diferentes grupos sociais minorizados.

Por meio deste material, a avaliação pode funcionar como uma ferramenta pedagógica e também como uma oportunidade de reflexão e enfrentamento à colonização do ser (Ballestrin, 2013), tanto para estudantes quanto para professores.



Sugerimos que as atividades sejam adaptadas conforme a necessidade do docente, de acordo com a instituição de ensino em que leciona e a realidade de seus estudantes.

Há uma grande variedade de propostas de atividades de contextualização e alternativas para as atividades avaliativas, permitindo que o docente escolha aquelas que melhor se adequem à sua realidade.

Além disso, o docente pode utilizar um glossário ou pre-teach algumas palavras ou expressões (isto é, ensiná-las antes da exposição dos estudantes ao termo), especialmente nas atividades que considerar mais desafiadoras para sua turma.



Antes de entrarmos em contato com as sugestões avaliativas, em si, vamos entender um pouco do referencial teórico que norteou a pesquisa que originou este produto?

REFERENCIAL TEÓRICO

Este caderno pedagógico, fruto da dissertação de mestrado, fundamenta-se em dois eixos principais: avaliação escolar e teoria contra-hegemônica, fundamentando-se em autores como Luckesi, Hoffmann, Duboc e Gramsci.



I. Avaliação Escolar

A avaliação é vista como parte essencial da ação humana, usada para compreender a realidade e embasar decisões. Luckesi (2018) enfatiza que a avaliação é um processo metodológico e consciente, dividido em três etapas:

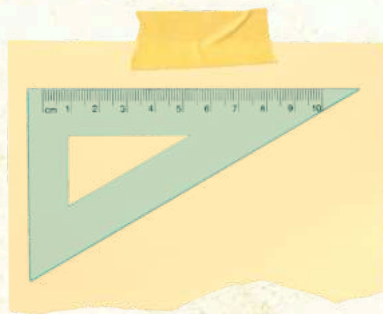
1. Identificar o desempenho do aluno.
2. Comparar esse desempenho com padrões estabelecidos.

3. Tomar decisões para alcançar os objetivos educacionais.

No contexto escolar, a avaliação pode ser:

- **Diagnóstica**
- **Formativa**
- **Somativa**

A ação avaliativa não se limita à medição; ela também guia o planejamento pedagógico, promovendo avanços no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, o professor assume o papel de gestor pedagógico ao tomar decisões baseadas nos resultados da avaliação.



O processo de avaliação em língua inglesa evoluiu ao longo de três períodos principais, conforme descrito por Rodrigues, Rocha e Gonçalves (2011):

- 1. Pré-científico (até a década de 1950)**
- 2. Psicométrico-estruturalista (1950-1960)**
- 3. Sociolinguístico-integrativo (a partir do final dos anos 1960)**

As práticas avaliativas refletem as abordagens de ensino adotadas: enquanto métodos estruturalistas tratam a língua como um sistema de regras, avaliações dentro de métodos comunicativos valorizam o uso prático da língua em contextos reais.



A avaliação em língua inglesa enfrenta três desafios principais, segundo Duboc (2007):

1. Resquícios do positivismo:

A avaliação é frequentemente vista como mensuração, priorizando notas em vez de feedback significativo. Essa prática limita o potencial pedagógico da avaliação, que poderia orientar melhor a aprendizagem e o desempenho dos alunos (Brookhart, 2024).

2. Foco limitado em conteúdos objetivos:

A avaliação privilegia aspectos gramaticais e lexicais, negligenciando competências como interpretação de texto, pensamento crítico e questões culturais.

Essa abordagem empobrece o ensino ao reduzir a língua inglesa a um código fixo, ignorando sua complexidade como língua franca e sistema cultural e político, além de desconsiderar as variações linguísticas dos próprios estudantes.

3. Predominância de provas escritas:

Provas escritas são o instrumento avaliativo mais comum, focando exclusivamente em habilidades linguísticas específicas. Essa prática deixa de abordar aspectos cognitivos e pedagógicos mais amplos, além de oferecer apenas notas como feedback, desperdiçando a oportunidade de usar a avaliação como ferramenta de aprendizagem.

Esses problemas refletem um paradigma educacional tradicional, cartesiano e positivista, fragmentado e focado na mensuração.

Para superar esses desafios, Duboc (2007) defende uma abordagem avaliativa que valorize subjetividade, criatividade e diversidade, indo além do certo e errado.



A avaliação em língua inglesa pode atuar como um instrumento de transformação quando vai além de práticas tradicionais e classificatórias, considerando aspectos como a realidade dos alunos e o papel do professor no processo.

Os principais pontos abordados incluem:

1. Decisões pós-avaliação:

Muitas escolhas feitas pelos professores após as avaliações acabam, por vezes, priorizando a praticidade diante da sobrecarga de tarefas, o que contribui para a reprodução de práticas tradicionais baseadas na "educação bancária" (Freire, 2023), em que o professor é o centro e os alunos, apenas receptores.

2. Influência da tradição educativa:

Segundo Gramsci (2022), a educação reflete práticas das gerações anteriores, perpetuando um modelo hierárquico e classificatório. A avaliação, nesse contexto, carrega resquícios (geralmente não intencionais, mas estruturais) de autoritarismo, mesmo em ambientes com relações menos verticais.



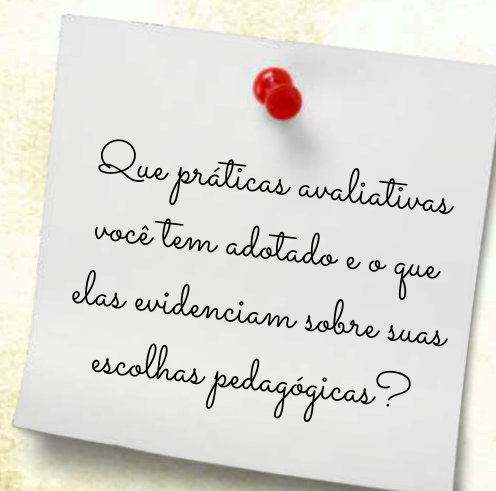
3. Falta de neutralidade na avaliação:

Luckesi (2018) destaca que a avaliação nunca é neutra. Ela reflete escolhas pedagógicas, valores e perspectivas culturais e históricas. Para que seja transformadora, o professor deve ter clareza sobre os objetivos avaliativos e alinhar as práticas às necessidades dos alunos.

4. Importância do planejamento:

É essencial estabelecer objetivos claros e critérios de qualidade antes da avaliação, pois valores e padrões são contextuais e mutáveis. Sem esse planejamento, perde-se a oportunidade de usar a avaliação para promover aprendizagem e traçar ações pedagógicas eficazes.

A avaliação deve, portanto, ser vista como parte de um processo mais amplo que considera a escola como um conjunto de escolhas deliberadas, evidenciando perspectivas pedagógicas e sociais específicas.



II. Hegemonia e Contra-Hegemonia

A hegemonia, conceito central de Gramsci, refere-se ao domínio exercido por grupos sociais no poder, que influenciam política, economia, cultura e educação, muitas vezes de forma coercitiva ou por meio do senso comum (Mayo, 2015).



Em contraponto, a contra-hegemonia busca questionar esse poder e está alinhada a perspectivas como a decolonialidade e o antirracismo.

A educação não é neutra; ela reflete os interesses das classes dominantes (Paulo Freire, 1997). Avaliações escolares, currículos e práticas pedagógicas são frequentemente usados como instrumentos para manter desigualdades sociais e conservar privilégios. A avaliação classificatória, por exemplo, homogeneiza conhecimentos e impede transformações, reforçando estruturas sociais excludentes (Luckesi, 2002).

Gramsci propõe uma educação unitária e humanizadora que promova igualdade e formação integral, superando a separação entre educação ampla para as elites e educação técnica para as classes subalternas. Contudo, práticas educacionais atuais, mesmo quando inovadoras, tendem a perpetuar um sistema que impede a ascensão social dos mais desfavorecidos.

Segundo Bento (2022) e Pinheiro (2023), a escola ainda é palco de autoritarismo e opressão, reproduzindo estruturas coloniais. Apesar disso, ela pode se tornar um espaço de resistência e transformação social, possibilitando a emancipação dos grupos subalternos (hooks, 2017).

Para avançar rumo a uma educação mais democrática, é essencial compreender a história educacional e propor práticas avaliativas voltadas ao diagnóstico e à transformação, em vez de perpetuar a exclusão e a manutenção do status quo.

O histórico da hegemonia na educação no Brasil está profundamente ligado ao processo de colonização.



Desde o início, a educação foi usada como ferramenta para perpetuar desigualdades sociais, raciais e econômicas. Os colonizadores portugueses não apenas exploraram as terras e escravizaram populações indígenas e africanas, mas também disseminaram uma visão eurocêntrica de superioridade, reforçando a ideia de que culturas e saberes não europeus eram inferiores.

As primeiras leis educacionais no Brasil, de 1827, institucionalizaram essa exclusão, limitando o acesso a determinados tipos de conhecimento às classes subalternas - especialmente negros, indígenas, mulheres e pobres.



O objetivo era mantê-los afastados de profissões de prestígio e restringir sua educação ao básico, enquanto as elites eram formadas para sustentar o poder burguês.



Essa lógica excludente foi fortalecida com práticas como a catequização, que moldaram a educação para doutrinar e manter o controle social, perpetuando valores e conteúdos eurocêntricos. Embora o acesso à educação tenha se democratizado ao longo do tempo, a estrutura continua a refletir desigualdades, com práticas autoritárias, como a avaliação, que muitas vezes excluem e reforçam o status quo.

A educação brasileira ainda carece de um compromisso ético com a igualdade e a inclusão. Segundo autores como Freire (2023), Gramsci (2022) e Fanon (2020), é preciso transformar a educação em um instrumento contra-hegemônico, capaz de promover justiça social, igualdade de oportunidades e respeito às diversidades. Isso implica combater práticas racistas, sexistas, homofóbicas e capacitistas, substituindo o autoritarismo por uma abordagem mais democrática nas instituições de ensino.

Autores como bell hooks (2017) destacam a educação como espaço de resistência e transformação, onde o respeito, o amor e o estímulo ao pensamento crítico desafiam as estruturas de opressão. Apesar disso, as elites buscam limitar o potencial emancipador da educação, preservando o domínio sobre as classes menos favorecidas. Assim, a pedagogia crítica se posiciona como uma via essencial para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.



A avaliação em língua inglesa deve refletir os temas contra-hegemônicos abordados nas aulas, como questões de gênero, raça e sustentabilidade. No entanto, práticas avaliativas tradicionais frequentemente perpetuam exclusão e desigualdade (Duboc, 2007), contrariando os princípios de justiça social defendidos por uma educação crítica.

Segundo autores como Luckesi (2002) e Hoffmann (1993), a avaliação escolar tradicional é elitista, seletiva e mantém a exclusão social. Provas classificatórias, como vestibulares, reforçam a estratificação de classes e servem para perpetuar o domínio das elites.

Essa prática, fundamentada em um currículo eurocêntrico e na "cultura do exame", valoriza a memorização em detrimento do pensamento crítico, favorecendo a reprodução do sistema econômico desigual (Alves, 2005).

Rubem Alves (2005) critica o caráter autoritário e excludente dessas avaliações, que promovem medo e controle social (Fidalgo, 2006). Já Freire (1997) aponta que mudanças rumo a uma educação democrática enfrentam resistência por parte das classes dominantes, que temem perder o poder. Além disso, a colonialidade presente na educação reforça dicotomias como civilização x barbárie, conhecimento x ignorância, mantendo grupos historicamente excluídos à margem.

Por fim, a avaliação tradicional atua como barreira à emancipação (Luckesi, 2002), enquanto práticas avaliativas mais diagnósticas, formativas e mediadoras podem potencializar o papel libertador da educação (Hoffmann, 1993). Este caderno propõe tais abordagens como alternativas para uma prática educativa mais inclusiva e transformadora.

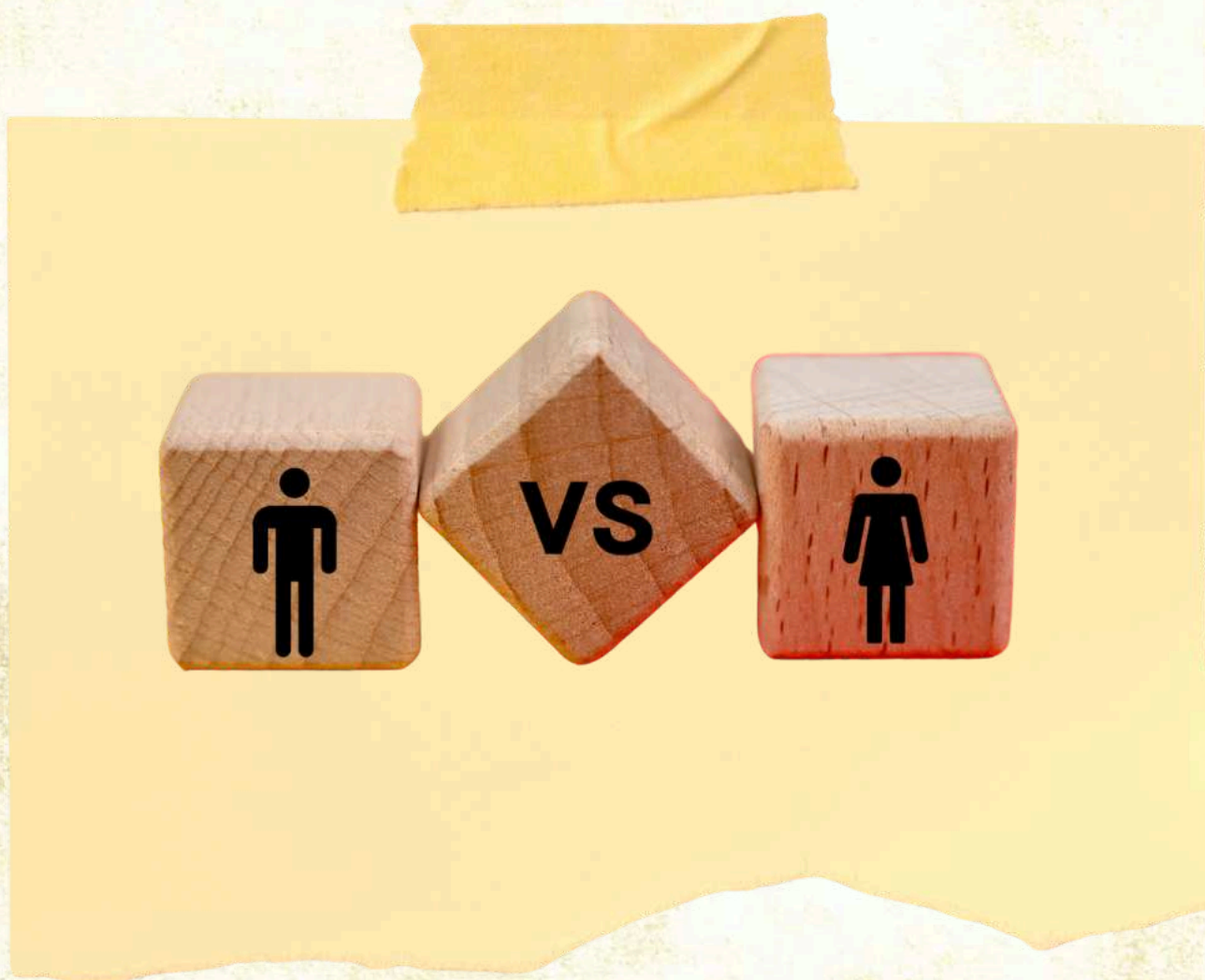


As unidades temáticas contidas neste produto educacional são as seguintes:

1. Desigualdade de gênero
2. Questão racial
3. Xenofobia / Imigração

Que tal vermos as propostas de atividades avaliativas sugeridas em cada uma dessas unidades temáticas?

Unidade 1:
Desigualdade de gênero



I. Objetivos

- conscientizar os estudantes acerca de aspectos relacionados à desigualdade de gênero na sociedade em que vivemos;
- apresentar / revisar da Second Conditional (docentes de língua inglesa);
- propor a construção de uma paródia de música If I Were a Boy contendo elementos trabalhados durante a unidade.

II. Contextualização

Nesta seção, são sugeridas atividades que podem ser feitas em sequência ou selecionadas de acordo com a disponibilidade de tempo, nível linguístico dos alunos e intenção do docente. Fique à vontade para adaptá-las de forma que se adequem à sua realidade.

1. IF I WERE A BOY - BEYONCÉ (40')

Para a contextualização desse assunto e para a execução da proposta avaliativa posteriormente sugerida, propomos o debate acerca do clipe e da letra da música If I Were A Boy, da Beyoncé

Sugerimos a utilização de um glossário nas atividades em que o docente julgar necessário.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar a letra.

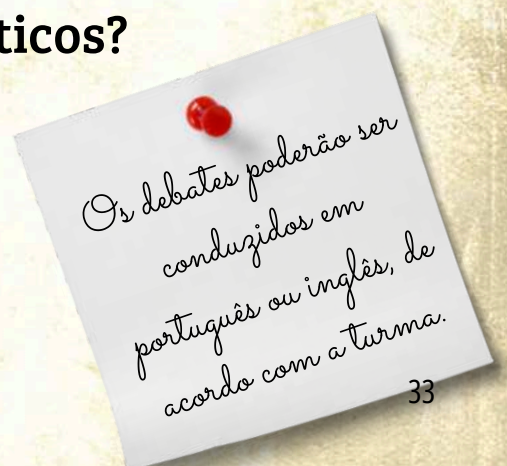
Nesse videoclipe e na letra da música, são evidenciadas as diferenças entre os comportamentos atribuídos aos gêneros masculino e feminino dentro de um relacionamento afetivo/romântico. Destacam-se as atitudes que são socialmente aceitáveis para o homem, mas não para a mulher, dentro desse contexto.

Foto: IMDb / Beyoncé

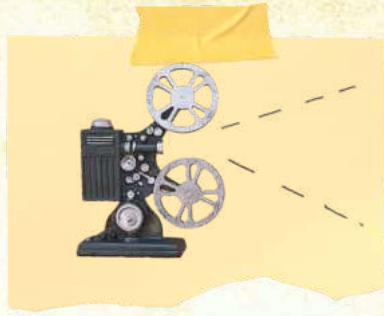


Em seguida, propõe-se a promoção de um debate sobre a questão da desigualdade de gênero apresentada no videoclipe. Algumas questões possíveis para iniciar a discussão podem ser:

- Que situação hipotética o clipe e a letra da música ilustram?
- O que está sendo questionado na música e no vídeo? Por quê?
- Quais críticas podem ser feitas aos estereótipos de gênero representados no clipe e na letra da música?
- De que outras formas a desigualdade de gênero se manifesta na sociedade?
- Você tem exemplos, pessoais ou que tenha observado de perto, de situações em que a desigualdade de gênero se fez/faz presente? Quais são eles?
- Como a desigualdade de gênero pode ser combatida:
 - * nos relacionamentos românticos?
 - * em casa?
 - * na escola?



Os debates poderão ser conduzidos em português ou inglês, de acordo com a turma.



Em caso de entraves relativos à infraestrutura da escola para a exibição do clipe em sala, o docente pode buscar alternativas que garantam a viabilidade da proposta.

Abaixo, apresentamos algumas sugestões para contornar diferentes problemas relacionados à falta de infraestrutura para a exibição de vídeos na sala de aula.

- Se a escola não dispuser de projetor ou outro meio para exibir o vídeo para a turma, mas os estudantes tiverem acesso à internet fora do ambiente escolar, eles podem assistir ao vídeo em casa e, posteriormente, debater sobre ele na escola.**
- Caso a escola possua projetor, mas não tenha acesso à internet, o docente pode baixar o vídeo por meio de um serviço de download para YouTube e salvá-lo em um pen drive, para que possa exibi-lo em sala de aula sem depender da conexão com a rede.**

- Se a escola não dispuser de projetor, computador ou televisão que possibilite a exibição do vídeo para a turma, mas alguns estudantes tiverem celulares com acesso à internet, o professor pode compartilhar o vídeo com eles para que assistam em pequenos grupos e, em seguida, conduzir o debate proposto.
- Caso os alunos não tenham acesso à internet na escola, há ainda uma última alternativa — embora não considerada ideal: o professor pode utilizar o roteador de seu próprio aparelho celular para fornecer acesso à internet, possibilitando que os discentes assistam ao vídeo em grupos em seus próprios dispositivos.



Após o debate sobre o vídeo, outras atividades de contextualização podem ser realizadas, conforme o tempo disponível e o interesse do docente e da turma.

Caso não haja tempo suficiente, atenha-se apenas à atividade anterior.

2. HE FOR SHE - EMMA WATSON (40')

Recomenda-se a leitura de um ou mais textos sobre o tema, como o discurso de Emma Watson para a campanha He for She, da Organização das Nações Unidas (ONU), em prol da igualdade de gênero.



Clique aqui para acessar o texto.

Emma Watson ganhou fama como Hermione no filme Harry Potter.

Foto: ONU Mulheres / Emma Watson



Nesse discurso, a atriz convoca os homens a se engajarem na luta pelos direitos das mulheres, já que eles ainda são maioria em posições de poder.

O professor pode incentivar a discussão com base nas seguintes questões:

- O que vocês acham do fato de a atriz ter conclamado os homens a colaborarem com a luta pelos direitos iguais?
- De que forma a presença de mulheres na política e em cargos de poder nas empresas pode contribuir com essa causa?

3. YELLOW WALLPAPER - CHARLOTTE PERKINS GILMAN (60' - vídeo, 180' - conto)

Outro texto que pode enriquecer o debate sobre a desigualdade de gênero é o conto The Yellow Wallpaper, da escritora estadunidense Charlotte Perkins Gilman, considerada uma das precursoras do feminismo. Na narrativa, a autora questiona a posição secundária atribuída às mulheres na sociedade ocidental.

Disponibilizamos a seguir o acesso ao texto e à versão audiovisual do conto, cabendo ao docente escolher o formato mais adequado à sua realidade.



Clique aqui para acessar o texto.



Clique aqui para acessar o vídeo.

Além de provocar reflexões sobre a patologização das mulheres em uma sociedade patriarcal, o conto pode servir de base para discussões sobre a diferença na criação de meninos e meninas no ambiente familiar, bem como as expectativas socialmente impostas a cada um. A partir disso, é possível ampliar o debate para a generificação no espaço escolar e seus impactos. Algumas sugestões de perguntas para conduzir esse momento são:

- Por que você acha que, historicamente, as mulheres eram consideradas históricas e frequentemente isoladas (em casa ou em instituições)?**
- Você tem irmãos ou primos? Diria que obrigações e direitos são distribuídos igualmente entre pessoas de gêneros diferentes na sua família? Por quê?**
- De que forma as escolas acabam contribuindo para a desigualdade de gênero?**

III. Aspectos Linguísticos: (20')

Após o debate inicial sobre o tema, sugere-se que, para professores de Inglês especificamente, seja trabalhada ou revisada a estrutura da Second Conditional, utilizada em Língua Inglesa para falar de situações hipotéticas no presente ou no futuro — estrutura recorrente na letra da música If I Were a Boy.

Cabe ressaltar que o objetivo deste material não é oferecer atividades de apresentação ou de prática de aspectos linguísticos específicos (sejam gramaticais ou lexicais), mas sim propor atividades avaliativas diversificadas, como alternativas às provas tradicionais. Para tanto, entende-se como necessário o seguinte percurso: contextualização do tema, revisão de um aspecto linguístico relacionado à atividade avaliativa e, por fim, a própria proposta avaliativa com sugestões de critérios.



Assim, nesta Unidade 1, parte-se do pressuposto de que os estudantes já tenham sido apresentados anteriormente à estrutura da Second Conditional e tenham tido a oportunidade de praticá-la. Para além do aspecto linguístico, outros elementos também poderão ser observados e desenvolvidos com a proposta avaliativa sugerida.

Caso o docente — considerando o nível linguístico da turma, a série e os conteúdos previamente abordados — deseje trabalhar outro(s) aspecto(s) linguístico(s), é livre para adaptar tanto as atividades de contextualização quanto as propostas avaliativas e os critérios sugeridos.

Por exemplo, se a contextualização se deu a partir de uma biografia, pode-se avaliar o uso do Simple Past em vez da Second Conditional, caso esta ainda não tenha sido vista pela turma.

Já em turmas de nível mais básico (como o 7º ano, por exemplo), o professor pode optar por trabalhar habilidades de diferentes indivíduos (com uso de *can/can't*), independentemente de seu gênero — sejam esses indivíduos esportistas, pessoas famosas ou pessoas do convívio dos(as) próprios(as) estudantes.

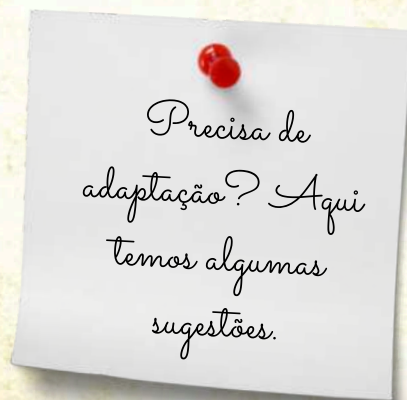
IV. Proposta Avaliativa

Com base na estrutura linguística da Second Conditional, trabalhada em sala a partir da música, os estudantes (em grupos de quatro ou conforme combinado com a turma) são convidados a criar uma paródia da letra da música (com pelo menos duas estrofes), expressando o que fariam se fossem pais, governantes ou professores, buscando promover maior igualdade de gênero em suas casas, salas de aula ou espaços políticos.



Essa paródia precisaria conter frases (em quantidade a ser combinada com a turma, promovendo a participação dos estudantes no processo avaliativo, conforme propõe Hoffmann [1993]) que utilizem a estrutura gramatical trabalhada.

O prazo de entrega, que também precisa ser combinado com os estudantes, deve garantir tempo suficiente para o processo de criação. Duas semanas parecem adequadas, mas o docente pode ajustar esse período conforme a dinâmica da turma.



Se o professor considerar a proposta desafiadora demais, dados o nível linguístico da turma ou o tempo disponível, poderá adaptá-la. Uma possibilidade é manter a proposta, mas reduzir seu escopo — por exemplo, solicitando apenas uma estrofe ou alguns versos.

Para turmas de outros níveis ou séries, outra sugestão (como sexto ou sétimo ano do Ensino Fundamental) seria propor a produção de pôsteres bilíngues de conscientização sobre o tema, permitindo avaliar o uso de conteúdos gramaticais ou lexicais relevantes para aquela turma

V. Critérios de Avaliação

Os critérios de avaliação podem — e idealmente devem — ser combinados com os(as) estudantes. No entanto, alguns elementos que podem ser considerados são: uso da Língua Inglesa; apresentação da paródia (ao vivo, em vídeo ou áudio); adequação às instruções (uso da estrutura gramatical solicitada, número de estrofes, participação dos membros do grupo e respeito ao prazo).



Sugere-se também o uso de autoavaliação e/ou avaliação entre pares como parte do processo, alinhando-se à perspectiva de avaliação mediadora proposta por Hoffmann (1993) e Fidalgo (2006).

A pontuação atribuída poderá variar de acordo com as normas das instituições de ensino nas quais as atividades forem aplicadas — o que também se aplica às propostas avaliativas das demais unidades deste caderno pedagógico.

Se a instituição permitir, o professor pode ainda fornecer um feedback cuidadoso e abrangente, sem necessariamente recorrer a uma nota ou conceito. Nesse caso, as anotações feitas podem subsidiar registros em relatórios, conselhos de classe ou em conversas com os responsáveis pelos estudantes (Hoffmann, 1993).

Outra opção interessante é o uso de rubricas, ferramenta que possibilita um retorno pedagógico formativo claro e estruturado, com benefícios comprovados para a aprendizagem, para a autorregulação e para o desempenho discente (Brookhart, 2024).



VI. Materiais Alternativos de Acesso Livre para a Contextualização

Caso o docente tenha dificuldade de acessar algum dos materiais sugeridos anteriormente, incluímos aqui sugestões de outros recursos de mais fácil acesso, que podem subsidiar novas propostas de atividades para a contextualização do tema da desigualdade de gênero.

1. COMPILAÇÃO DE RELATOS DOS ALUNOS (90')

De forma anônima, os estudantes devem escrever exemplos que tenham presenciado ou ouvido, nos quais a desigualdade de gênero se fez presente. Essa compilação pode ser realizada por meio de caixas de sugestões, murais físicos, formulários digitais (como o Google Forms) ou murais online (como o Padlet).

Após a coleta, os relatos serão lidos e debatidos pela turma, com a mediação do professor, que pode lançar mão de perguntas disparadoras para orientar a discussão, tais como:

- Qual parece ser a causa do fato relatado?
- Como você reagiria diante dessa situação?
- De que forma esse exemplo de desigualdade de gênero pode ser combatido?

2. CHIMAMANDA - WE SHOULD ALL BE FEMINISTS (50')

Imagem: Estação / Chimamanda Ngozi



Clique aqui para acessar o vídeo.

Após a visualização do vídeo (integral ou parcial), os estudantes deverão ser instigados a debater alguns dos pontos abordados por Chimamanda, como os seguintes:

- “Quanto mais alto você vai, menos mulheres você encontra.” Como podemos explicar essa citação?
- De que formas os garotos são levados a provar sua masculinidade?
- “Os gêneros colorem a maneira como experimentamos o mundo.” Como podemos transformar essa realidade?
- Qual foi a definição de “feminista” encontrada por Chimamanda? Como essa definição te impacta?

3. RESHMA SAUJANI - TEACH GIRLS BRAVERY, NOT PERFECTION (30')



Clique aqui para acessar o vídeo.

Após a visualização do vídeo (integral ou parcial), o professor poderá estimular a discussão entre os estudantes a partir de questões como:

- Segundo Reshma, qual é a diferença entre a criação dada a meninas e meninos na infância? Quais as consequências dessa diferença?
- Qual o objetivo do programa de ensino de programação para meninas Girls who code? O que você acha dessa iniciativa?
- Você conhece mulheres que se arriscam? Quem são? A que riscos se expuseram e quais conquistas alcançaram?

Foto: Princeton University / Reshma Saujani



4. THE MAN - TAYLOR SWIFT (20')



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar a letra.



Após a visualização do videoclipe, o professor poderá promover um debate sobre o clipe e a letra da música a partir das seguintes questões:

- Em que consiste a crítica apresentada no clipe?
- Segundo a música e o vídeo, quais são as diferenças entre as condições enfrentadas por homens e mulheres no mercado de trabalho, nos relacionamentos, na família, nos esportes e na sociedade em geral?
- O que você faria se fosse homem/mulher?

5. BIOGRAPHIES (40')

Outra possibilidade de contextualização da temática da desigualdade de gênero é apresentar aos estudantes a trajetória de mulheres que impactaram positivamente a sociedade ao seu redor, por meio da leitura de biografias em inglês (adaptadas, se necessário) de figuras como Malala Yousafzai, Marie Curie e Marta.



Clique aqui para acessar o texto sobre Malala Yousafzai.



Clique aqui para acessar o texto sobre Marie Curie.



Clique aqui para acessar o texto sobre Marta.

Foto: Forbes Brasil / Marta



Foto: Apple / Malala Yousafzai



Foto: SBradioterapia / Marie Curie



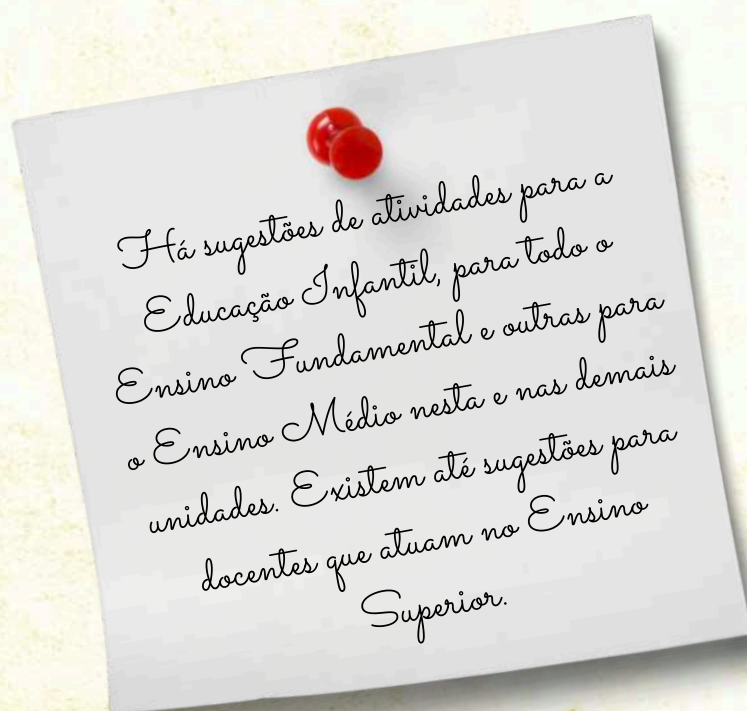
Após a leitura e discussão dos principais eventos da vida dessas mulheres, os estudantes podem ser convidados a refletir sobre as seguintes questões:

- Que dificuldades enfrentadas por essas mulheres em seus países de origem também são vivenciadas por mulheres brasileiras?
- Que dificuldades as mulheres costumam enfrentar na nossa sociedade, de modo geral?
- Que mulheres do seu convívio impactaram fortemente a sociedade ao seu redor? O que elas fizeram?
- Você já leu ou assistiu à biografia de outras mulheres? Quais? O que mais chamou sua atenção?

VII. Atividades Alternativas para Outras Séries

Caso o docente leccione em outras séries, com turmas de nível linguístico diferente daquele necessário para a realização das atividades anteriormente sugeridas, ou com perfil de maturidade diferente daquele necessário para as propostas anteriores, sugerimos a seguir algumas alternativas para adaptar a contextualização do tema da desigualdade de gênero a diferentes etapas da Educação Básica.

Vale destacar que as atividades propostas nas seções anteriores também podem ser realizadas no Ensino Médio, contando com adaptações conforme o perfil da turma.



1. BIOGRAFIAS EM PORTUGUÊS (40') - EF2/EM

Para turmas com nível linguístico mais básico, o professor pode optar por trabalhar com biografias em português.

Os textos sugeridos anteriormente podem ser adaptados, usando linguagem mais simples, ou convertidos em Fact Files com base nas informações sobre figuras como Rosa Parks, Marie Curie e Marta.

Outra possibilidade é utilizar materiais em português, como os livros Lute como uma garota, de Laura Barcella e Fernanda Lopes, e Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis, de Jarid Arraes.

Capa: Folha de Pernambuco - Lute Como uma Garota



Capa: Roenado Livros - Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis



Obras em português também podem ser usadas nas atividades de contextualização.

Essas obras permitem destacar as conquistas de mulheres em diferentes áreas, demonstrando que a contribuição para a ciência, a pedagogia, a luta abolicionista, os avanços sociais, a medicina e a independência, por exemplo, não é exclusividade masculina.

No primeiro livro, sugerimos a leitura do capítulo sobre a abolicionista e militante estadunidense Sojourner Truth ou sobre a ativista paquistanesa Malala Yousafzai.



Clique aqui para acessar o livro.



No segundo, uma boa opção é a biografia da pescadora brasileira e líder na luta pela independência da Bahia, Maria Felipa.



Clique aqui para acessar o livro.



Imagem: Jornal A Verdade / Maria Felipa de Oliveira



A partir dessas leituras e da abordagem dos principais eventos da vida dessas mulheres, os estudantes podem ser convidados a refletir por meio de perguntas como:

- Por que geralmente associamos heróis ao sexo masculino?
- Que fatores dificultam conquistas femininas na nossa sociedade?
- Que outras mulheres vocês conhecem que impactaram fortemente seu entorno? Qual foi esse impacto?
- Você gostaria de ler outras biografias? Sobre quais mulheres?

A proposta avaliativa pode também ser adaptada para dialogar com a atividade de contextualização e com os aspectos linguísticos abordados.

Uma sugestão é que os estudantes escrevam uma biografia ou produzam um Fact File sobre alguma mulher que considerem inspiradora.

2. JOBS (40') - EI / EF1

Nas turmas da Educação Infantil ou dos primeiros anos do Ensino Fundamental, a contextualização pode começar de forma lúdica. O(a) professor(a) pode disponibilizar diversos brinquedos para que as crianças explorem livremente durante um tempo.



Em seguida, pode-se iniciar uma conversa sobre as preferências demonstradas na brincadeira, incentivando a normalização de meninas brincando com carrinhos e ferramentas, e meninos com bonecas ou panelinhas, por exemplo. A ideia é destacar as múltiplas possibilidades do brincar e do ser.

Depois disso, o(a) docente pode mostrar imagens de homens e mulheres em funções comumente estereotipadas pelo gênero oposto – como homens realizando tarefas domésticas, mulheres ocupando cargos de poder ou atuando como cientistas, homens trabalhando como cabeleireiros, entre outros.



Então caberá ao docente perguntar às crianças o que cada pessoa está fazendo e qual seria sua profissão. Por fim, o professor pode abrir uma conversa sobre as profissões das famílias dos alunos e sobre o que cada um deseja ser no futuro, com o objetivo de desconstruir possíveis estereótipos de gênero já presentes no imaginário infantil.

VIII. Sugestões de Atividades Alternativas para Outras Disciplinas

A seguir, apresentamos algumas sugestões de atividades para docentes de outras áreas do currículo escolar que desejem abordar a temática da desigualdade de gênero em consonância com os conteúdos de suas disciplinas.

1. MATERIAL DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR - HISTÓRIA, GEOGRAFIA, SOCIOLOGIA OU LÍNGUA PORTUGUESA (60')

As disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Língua Portuguesa podem utilizar os materiais sugeridos anteriormente para promover reflexões sobre desigualdade de gênero, desde que haja legendas em português nos materiais em Língua Inglesa, e que os aspectos linguísticos sejam adaptados ou suprimidos conforme necessário.

Essas atividades podem culminar na produção de cartazes ou em intervenções no espaço escolar com o objetivo de conscientizar docentes, estudantes, demais funcionários e familiares sobre a desigualdade de gênero.



Foto: Pixels / I Am More Than a Body

2. E EU NÃO SOU EU UMA MULHER? - SOJOURNER TRUTH - FILOSOFIA, SOCIOLOGIA (30')

Docentes dessas áreas podem utilizar o discurso da ativista estadunidense Sojourner Truth, intitulado E eu não sou uma mulher?, como ponto de partida para discutir a interseccionalidade entre gênero e raça, bem como as diferentes realidades vividas por mulheres brancas e negras.



Clique aqui para acessar o texto.



Clique aqui para acessar o vídeo.

3. NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER - SIMONE DE BEAUVOIR - FILOSOFIA, SOCIOLOGIA (30')

As disciplinas de Filosofia e Sociologia podem explorar o conceito da construção social do gênero a partir da obra O segundo sexo, de Simone de Beauvoir.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar o texto.

Essa discussão pode ser ampliada com o questionamento: O que é ser mulher? — como propõe Rita Von Hunty, apoiando-se no discurso de Sojourner Truth, nas reflexões de bell hooks e nas ideias de Beauvoir. Esse cruzamento de vozes contribui para uma abordagem mais crítica e abrangente da questão de gênero.



Clique aqui para acessar o vídeo.

4. PRIMEIRO PASSO - KELL SMITH E NATHAN PEREIRA DA SILVA - LÍNGUA PORTUGUESA (20')



Na disciplina de Língua Portuguesa, além da utilização de materiais já mencionados, o docente pode propor a análise da música Primeiro Passo, interpretada por Kell Smith e Nathan Pereira da Silva — vencedora do concurso Vozes pela Igualdade de Gênero. Ela pode ser ponto de partida para a leitura crítica e a produção textual, instigando os estudantes a refletirem sobre as desigualdades de gênero presentes em seu cotidiano.



Clique aqui para acessar o vídeo.

5. ARTISTAS FEMINISTAS - ARTES VISUAIS (30')

No componente de Artes Visuais, o docente pode apresentar obras de artistas feministas como Barbara Kruger ou o coletivo Guerrilla Girls, que denunciam o sexismo no mundo das artes.

The Broad Museum / Barbara Kruger – Untitled



Imagem: Wikipédia / Guerrilla Girls



Após explorar as imagens e compreender as motivações das artistas, o professor pode promover um debate sobre como o sexismo se manifesta nas artes e em outros espaços sociais.

Seguem perguntas que podem orientar a discussão:

- Você costuma visitar museus e galerias de artes?
- De quais artistas renomados você já ouviu falar? Quantos deles são mulheres? Por que você acha que conhecemos mais artistas homens?
- De que uma mulher precisaria abrir mão para poder se dedicar às artes?

Unidade 2:
Questão Racial





I. Objetivos

- **Contextualizar a temática racial por meio de atividades em grupo;**
- **Promover debates a partir dos assuntos discutidos em cada grupo;**
- **Apresentar e discutir características do gênero textual resenha, além do vocabulário relacionado a gêneros de filmes em Língua Inglesa;**
- **Apresentar e/ou revisar o uso do Present Perfect;**
- **Apresentar e/ou revisar as formas comparativas e superlativas dos adjetivos em inglês;**
- **Produzir (por escrito e/ou em vídeo) uma resenha sobre um filme, série ou livro que trate da temática racial, utilizando estruturas linguísticas e/ou conceitos de diferentes disciplinas trabalhados anteriormente.**

II. Contextualização

Para o desenvolvimento da atividade avaliativa dentro desta temática, o material sugere que o professor organize a turma em grupos. Cada grupo deverá realizar uma das atividades de contextualização apresentadas a seguir. Após a realização da atividade escolhida, os grupos devem compartilhar os principais pontos debatidos com os colegas dos outros grupos.

Sugerimos, aqui, duas propostas de contextualização:

1. BROWN SKIN GIRL - BEYONCÉ (30')



Foto: Brown Skin Girl - Beyoncé, Blithe Ivy, SAINT JHN, WIZKID

O videoclipe e a letra da música Brown Skin Girl, interpretada por Beyoncé em parceria com os rappers SAINT JHN (de origem guianense) e WizKid (nigeriano), promovem a valorização da beleza da mulher negra.

Além do debate sobre a valorização da estética negra - contrapondo-se ao padrão eurocêntrico dominante e suas consequências sociais -, também é possível explorar aspectos linguísticos da canção. O professor pode auxiliar os estudantes a identificar palavras e expressões que se distanciam do padrão linguístico da Língua Inglesa geralmente ensinado nas escolas. A partir dessas variações linguísticas, pode-se promover um debate sobre os motivos que levam a norma padrão do inglês a ser baseada nas variedades britânica e estadunidense. Essa reflexão pode se desdobrar em uma conversa sobre preconceito linguístico (Bagno, 2003), traçando paralelos com a língua portuguesa, e também sobre o imperialismo linguístico.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar a letra.

Algumas perguntas que podem ser utilizadas para fomentar o debate após a exibição do clipe são:

- Por que a música menciona ouro, pérolas e diamantes?
- Quais características da “garota de pele marrom” são exaltadas na música?
- Algumas mulheres negras famosas são citadas na música e aparecem no clipe. Por que você acha que isso acontece?
- Sobre o que a estética do clipe te faz refletir?
- Na sua opinião, qual é a relevância de existirem músicas e clipes como esse?
- Os rappers que cantam com Beyoncé não são estadunidenses. SAINT JHN tem origem guianense e WizKid é nigeriano. Algo na forma como eles cantam te chamou a atenção? O quê?
- Você encontrou na letra da música alguma palavra que signifique “pequeno(a)”? Em que ela difere da forma que você já conhecia (little)? Por que você acha que há essas diferenças no inglês (ou em outras línguas)?



2. DEAR WHITE PEOPLE - NETFLIX (EPISÓDIO 05, TEMPORADA 01) (90')



Foto: IMDb / Dear White People

Este episódio pode servir como ponto de partida para discussões sobre racismo institucional, violência policial, encarceramento em massa e genocídio da população negra promovido pelo Estado. A partir do enredo apresentado, o professor pode conduzir uma discussão sobre o papel do Estado nesses processos e como essas violências se manifestam cotidianamente.

Algumas perguntas podem auxiliar nesse debate:

- O que você achou da atitude que os estudantes brancos tiveram com Reggie na festa?**
- Você já presenciou algo parecido?**
- Como você se sentiria se estivesse no lugar de Reggie diante da abordagem policial?**

III. Aspectos Linguísticos (40')

Paralelamente, sugere-se que os alunos sejam introduzidos ao gênero textual resenha e que se promovam discussões sobre algumas de suas características. É importante que, nesse momento, os estudantes conheçam diferentes gêneros de filmes em Língua Inglesa — como drama, thriller, comedy, documentary, entre outros.

É recomendável que o professor revise com os alunos estruturas comuns do gênero resenha, incluindo expressões frequentemente usadas nesse tipo de texto, como aquelas com o tempo verbal Present Perfect (“... I have ever seen/read”) e estruturas com adjetivos em suas formas comparativas e superlativas.

Como apoio, pode-se acessar o site Rotten Tomatoes, que oferece inúmeras resenhas (inclusive da série Dear White People) que podem ser utilizadas como exemplo em sala.



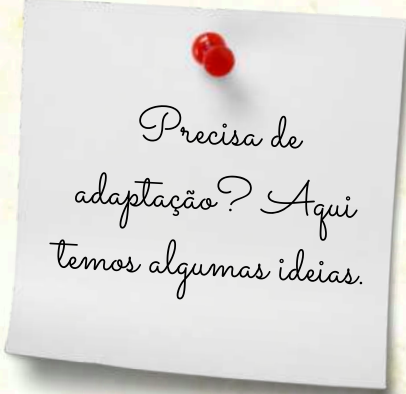
Clique aqui para acessar o site.



IV. Proposta Avaliativa

A proposta consiste em convidar os alunos a escreverem, em língua inglesa, uma resenha sobre um filme (curta ou longa-metragem) ou episódio de série que aborde a questão racial, à luz das discussões realizadas em sala de aula, como o conceito de racismo estrutural (Almeida, 2019). A resenha deve refletir os conhecimentos linguísticos e as características do gênero previamente discutidos. O professor pode sugerir algumas opções de filmes e séries, como: “Corra”, “12 anos de escravidão”, “A 13ª emenda”, “Estrelas além do tempo”, “Todo mundo odeia o Chris”, “Infiltrados na Klan”, “O ódio que você semeia”, “O filho do vento” e “Dois Estranhos”, entre outros.

O tamanho da resenha pode variar de acordo com o nível linguístico da turma e a complexidade da obra escolhida. A produção pode ser realizada individualmente ou em grupos, e poderá ser entregue de forma escrita ou por meio de um vídeo gravado pelos alunos.



Precisa de
adaptação? Aqui
temos algumas ideias.

Se o nível linguístico da turma não for suficiente para a produção de uma resenha completa, o professor pode adaptar a proposta, solicitando apenas algumas frases opinativas sobre o filme ou série assistidos.

Caso a atividade seja realizada em casa, é importante que o prazo de entrega seja adequado para que os alunos tenham tempo de escolher a obra, assisti-la, refletir sobre seus pontos principais e estruturar sua produção. Sugere-se um prazo de até duas semanas. Alternativamente, o professor pode conceder uma semana para que os alunos assistam ao conteúdo e reservar uma aula (ou dois tempos, se possível) para que escrevam suas resenhas em sala, como forma de evitar plágio e uso indevido de inteligência artificial.

Se o professor julgar que a atividade de resenha não se adequa ao perfil da turma - seja por maturidade, gosto, ou nível linguístico -, é possível adaptá-la. Uma alternativa seria a realização de um debate em grupos, no qual os alunos defendam suas opiniões, argumentem, ouçam os colegas e pratiquem o contra-argumento.



Nesse caso, os critérios de avaliação devem ser ajustados e podem considerar a clareza na exposição das ideias, a capacidade argumentativa, a pertinência temática e as habilidades comunicativas. Outra alternativa seria manter a ideia de análise crítica, mas sem exigir a construção de um texto completo. O professor pode solicitar apenas algumas frases com opiniões pessoais, o que tornaria a tarefa mais acessível a estudantes em níveis mais iniciais.

V. Critérios de Avaliação

Os critérios de avaliação podem ser construídos coletivamente entre professores e alunos, fortalecendo a dimensão formativa e democrática da prática avaliativa.



Sugerimos que sejam considerados: domínio dos aspectos linguísticos trabalhados; adequação ao gênero resenha (resumo, opinião, justificativa, recomendação); clareza na expressão da opinião; participação e envolvimento no processo (individual ou em grupo).

A resenha pode ser elaborada individualmente ou em grupo, e sua entrega pode ser feita por escrito ou por meio de um vídeo gravado pelos estudantes. Embora os filmes devam ser assistidos em casa, recomendamos que a produção da resenha ocorra em sala de aula, com acompanhamento do professor. Isso contribui para evitar plágios e o uso indevido de ferramentas de inteligência artificial.

Destinar parte da pontuação da atividade à avaliação entre os membros do grupo – conforme propõe Hoffmann (1993), para que a avaliação tenha significado para os educandos – é uma estratégia interessante. Essa prática ajuda a conscientizar os estudantes sobre a importância de sua participação em todo o processo avaliativo.

Caso prefira, o docente também pode propor uma autoavaliação, incentivando os discentes a refletirem sobre sua atuação no processo de aprendizagem.

Professores que desejarem abordar a temática racial podem adaptar a atividade avaliativa, os critérios de avaliação e as propostas de contextualização do tema conforme as necessidades da turma.

A seguir, sugerimos algumas alternativas de materiais de contextualização que podem ser utilizadas com turmas de outras séries, de diferentes etapas da educação ou até mesmo em outras disciplinas.

VI. Materiais Alternativos de Acesso Livre para a Contextualização

Caso o docente deseje propor atividades de contextualização, mas encontre dificuldades para acessar os materiais indicados anteriormente, sugerimos abaixo algumas alternativas de acesso mais simples, incluindo sugestões compartilhadas por participantes da pesquisa. Esses materiais podem inspirar novas propostas de atividades voltadas à abordagem da questão racial.

1. RELATOS DOS ALUNOS SOBRE A QUESTÃO RACIAL (90')

Pensando em contextos escolares com dificuldades de acesso à internet ou de exibição de vídeos, uma alternativa é solicitar aos estudantes que tragam exemplos de situações em que observaram ou vivenciaram questões raciais – seja na vida real ou nas telas. Para isso, o professor pode perguntar:

- **Você já presenciou ou viu, em filmes, séries, redes sociais ou em outros contextos, uma situação em que a questão racial estivesse presente?**

- O que aconteceu?
- Como você se sentiu?

As respostas podem ser entregues de forma anônima, por escrito (em bilhetes, por exemplo), ou por meio de ferramentas digitais como o Padlet ou o Google Formulários. Essa atividade também pode ser adaptada como um ponto de partida para discussões em sala.

2. DISCURSO DO VINNY JR. SOBRE RACISMO (20')

Imagem: Estádio / Vinicius Jr - The Best da FIFA



Durante a entrega de um prêmio, o jogador Vinicius Jr. falou publicamente sobre o racismo e outros temas relevantes. A exibição desse discurso pode ser um ótimo ponto de partida para uma roda de conversa. Após assistir ao vídeo, o docente pode propor questões como:



Clique aqui para acessar o vídeo.

- O que você sabe sobre os casos de racismo envolvendo o Vinny Jr.?
- Qual a importância, na sua opinião, de ele abordar o tema durante uma premiação?
- Como o esporte pode contribuir para o combate ao racismo?
- O que você achou da fala do outro atleta que apresentou o prêmio? Ela é importante? Por quê?

3. HAIR LOVE - CURTA METRAGEM (30')

O curta Hair Love é uma ferramenta sensível e potente para promover a valorização da beleza negra e a normalização de representações positivas de pessoas negras.

Capa: Lunetas / Hair Love - Oscar 2020



Clique aqui para acessar o vídeo.



Após a exibição, o professor pode propor reflexões a partir de perguntas como:

- Por que o pai da Zuri precisou pentear o cabelo dela? Quem costumava fazer isso?
- Você já teve dificuldade de fazer algo na primeira vez que tentou? O que foi?
- Como a mãe da Zuri se sentia em relação à queda de cabelo provocada pelo tratamento de saúde? O que a ajudou a se sentir melhor?
- Zuri demonstrou amor por sua mãe por meio de um desenho. De que outras formas podemos demonstrar nosso amor e admiração?

4. BIOGRAPHIES (40')

Foto: National Geographic / Nelson Mandela



Foto: New Georgia Encyclopedia / Martin Luther King Jr.



Imagem: Revista Trip / Rosa Parks - 100 Anos





Clique aqui para acessar o texto.



Clique aqui para acessar o texto.



Clique aqui para acessar o texto.



A leitura de biografias de pessoas negras que desempenharam papéis importantes na luta pelos direitos de seu povo pode promover representatividade e ampliar o repertório dos estudantes sobre a história e as conquistas da população negra.

Após a leitura de uma ou mais biografias, o professor pode conduzir um debate com perguntas como:

- Qual foi o principal impacto gerado pela atuação dessa pessoa?**
- Que outras pessoas negras que lutaram por direitos iguais você conhece?**
- Quais dificuldades a população negra ainda enfrenta hoje? Como podemos enfrentá-las?**

5. DON'T TOUCH MY HAIR - SOLANGE KNOWLES (30')

A letra e o clipe da música Don't Touch My Hair abordam temas como aceitação, orgulho, resistência, pertencimento e identidade. A canção soa como um hino de empoderamento que celebra a beleza e a força da identidade negra, ao mesmo tempo em que reivindica respeito e reconhecimento.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar a letra.

Capa: IMDb / Don't Touch My Hair



Após a apreciação da música, os alunos podem ser convidados a participar de um debate. Algumas perguntas que podem nortear a discussão são:

- Por que o eu-lírico pede que não toquem em seu cabelo? Trata-se apenas de uma questão estética?
- O que o cabelo simboliza nesse contexto?
- Por que Solange afirma que "eles não entendem o que ele significa para ela"?
- De que outras formas podemos controlar nossa própria imagem e narrativa?
-

6. FLICTS - ZIRALDO (40')



O conhecido livro infantil Flicts, de Ziraldo, conta a história de uma cor que não se via representada em lugar nenhum, até descobrir que a lua tinha a sua cor. A obra pode ser usada para promover reflexões sobre inclusão de maneira geral, e também, de forma mais evidente, sobre a negritude e a ainda insuficiente representatividade nos meios de comunicação, na política e nas posições de poder.

Foi incluído nesta seção por ser um livro antigo e bastante difundido em nosso país — o que pode facilitar seu uso por professores que já o tenham em casa, sem necessidade de aquisição.

Além disso, há diversos vídeos com a contação dessa história disponíveis gratuitamente no YouTube.



Clique aqui para acessar o vídeo.

Após a leitura, o professor pode conduzir uma roda de conversa sobre a temática racial, com base em perguntas como:

- Por que Flicts se sentia tão sozinho e triste?
- Que formas de discriminação ele enfrentava?
- Por que as outras cores o tratavam daquela maneira?
- Qual foi a importância, para Flicts, de descobrir que, de perto, a lua tem a sua cor?
- Por que a representatividade é importante?
- Como podemos contribuir para que pessoas de diferentes cores não se sintam discriminadas?

VII. Atividades Alternativas para outras Séries

Para docentes que atuam em outras séries, com grupos de nível linguístico menos avançado ou com uma maturidade distinta da exigida pelas atividades sugeridas até o momento, apresentamos algumas alternativas para adaptar a contextualização do tema da questão racial em diferentes etapas da educação básica.

1. FILM TRAILER AND REVIEW (30' a 60') - EM

Capa: Rotten Tomatoes / Two Distant Strangers



O filme Dois Estranhos, da Netflix, aborda a violência policial, mostrando a história de um jovem negro que vive o mesmo dia em um looping, com diferentes versões do ocorrido, sempre envolvendo uma abordagem agressiva por parte de um policial. Com classificação etária de 16 anos, sugerimos que o trailer seja exibido para turmas do Ensino Médio.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Após a exibição do trailer, os estudantes devem ler uma resenha crítica do filme, como a de Adam Graham, disponível abaixo. O docente pode optar pela versão resumida ou pela versão completa da resenha, conforme o tempo disponível e o nível linguístico da turma. A escolha da resenha deve considerar a complexidade da linguagem e a maturidade dos estudantes.



Clique aqui para acessar o texto.



Após a leitura da resenha, o docente pode conduzir uma discussão sobre as características de uma resenha crítica, buscando identificar os elementos fundamentais, como resumo do enredo, pontos positivos e negativos, e a recomendação do filme. Esse momento é importante para que os alunos reconheçam os aspectos que compõem o gênero textual.

Além disso, os estudantes devem debater o trailer e a resenha com base em questões que o professor pode usar para estimular a reflexão e o debate. Algumas sugestões de perguntas para fomentar a discussão incluem:

- O filme aborda qual questão social?
- Você consegue se lembrar de outros episódios de violência policial retratados na ficção? Quais?
- Como o protagonista pode ter se sentido após a abordagem policial?
- O que, na sua opinião, pode ser feito para evitar que situações como essa aconteçam?
-

2. FACT FILE - EF1 / EF2 (60')

Estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental podem ser incentivados a realizar pesquisas sobre atletas, artistas ou ativistas negros. Após a pesquisa, a turma deve discutir coletivamente as principais conquistas dessas personalidades e os desafios que enfrentaram ao longo de suas trajetórias. Com base nas informações coletadas, os alunos poderão produzir fact files, mencionando, em inglês, dados como nome, idade, origem, sexo e características físicas, por exemplo.

Em turmas do 8º ano - ou em turmas que já tenham sido introduzidas ao Simple Past, ainda que em séries anteriores -, essa proposta pode ser adaptada para a produção de uma biografia simplificada, redigida individualmente, em duplas ou em grupos. Essa atividade favorece a prática do tempo verbal de forma contextualizada, além de ampliar o repertório sociocultural dos estudantes.

3. FLICTS - ZIRALDO (40') - EI / EF1 / EF2

A obra *Flicts*, de Ziraldo, pode ser utilizada com turmas da Educação Infantil e de todo o Ensino Fundamental, desde que as perguntas e a condução da atividade sejam adaptadas ao nível de maturidade dos estudantes. Por isso, retomamos aqui essa proposta, agora direcionada a docentes que buscam sugestões específicas para outras etapas da educação básica.



O livro conta a história de uma cor que não se via representada em lugar algum até descobrir que a Lua tem exatamente sua cor. A narrativa permite trabalhar temas como inclusão e, de forma simbólica, a questão racial e a falta de representatividade da negritude na mídia, na política e nos espaços de poder.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Após a leitura da obra - feita pelo professor a partir do livro físico ou de um vídeo de contação de histórias -, pode-se promover uma conversa com base nas seguintes perguntas:

- Por que Flicts se sentia sozinho e triste?
- Que formas de rejeição ou discriminação ele sofreu?
- Por que as outras cores o tratavam daquela forma?
- O que significou para Flicts descobrir que a Lua é da sua cor?
- Por que a representatividade é importante?
- Como podemos agir para que pessoas de diferentes cores não se sintam discriminadas?

4. LIVROS: LÁ FORA - ANDRÉ NEVES OU TUDO BEM SER DIFERENTE - TODD PARR (40') - EI / EF1

Para turmas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, a diversidade pode ser abordada por meio de outras obras que, assim como Flicts, valorizam as múltiplas formas de existir.

A primeira sugestão, Lá fora, de André Neves, narra a história de camaleões sem cor e camaleões coloridos, e trata da importância de reconhecer a individualidade e a riqueza presente na pluralidade. É possível encontrar versões em vídeo da contação da história, além do próprio livro para aquisição.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar o livro.

Acima disponibilizamos um link para uma versão de contação de história do YouTube e também para o livro, caso o docente deseje adquiri-lo.

A segunda sugestão, Tudo bem ser diferente, de Todd Parr, celebra a diversidade humana por meio de ilustrações que apresentam diferentes características, como cor da pele, tipos de cabelo, altura e formato do nariz, sempre reforçando a ideia de que “tudo bem” ser quem se é.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar o livro.

Capa: Tudo Bem Ser Diferente – Todd Parr



Embora essas obras não abordem exclusivamente a questão racial, são excelentes pontos de partida para discutir o respeito às diferenças, incluindo o debate sobre raça.

Sugestões de perguntas para a discussão:

- **Que diferenças você observou entre os personagens da história?**
- **No livro Lá fora, qual grupo de camaleões parecia mais feliz?**
- **Mesmo sendo iguais, os camaleões sem cor conviviam bem entre si? Por quê?**
- **Por que o imperador expulsou os camaleões coloridos?**
- **No livro Tudo bem ser diferente, houve alguma personagem com quem você se identificou? Qual?**
- **Que outras diferenças você conhece e que também “estão bem”?**
- **Por que é importante respeitarmos quem é diferente de nós?**
- **Você tem amigos que são diferentes de você? De que forma?**



5. BIOGRAFIAS EM PORTUGUÊS (40') - EF2

Se preferir, caso necessário, o docente pode realizar a contextualização utilizando biografias com turmas de nível linguístico mais básico.

Para esse propósito, é possível adaptar os textos previamente sugeridos sobre Mandela, Martin Luther King e Rosa Parks, simplificando a linguagem para torná-los mais acessíveis.

Outra opção é utilizar materiais em português, como o livro Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis, de Jarid Arraes.



A obra apresenta a trajetória de mulheres negras que obtiveram conquistas marcantes em diferentes áreas, como Carolina Maria de Jesus, Tereza de Benguela e Tia Ciata.



Clique aqui para acessar o livro.



A leitura e discussão dessas biografias pode ser seguida por uma conversa orientada por questões como:

- Por que geralmente associamos heróis a homens brancos?
- Que obstáculos dificultam as conquistas de pessoas negras em nossa sociedade?
- Você conhece outras pessoas negras que impactaram positivamente o seu entorno? De que forma?
- Que outras biografias de pessoas negras você gostaria de ler?

Como proposta de avaliação, é possível convidar os estudantes a escreverem, em português, uma biografia breve de um esportista, ativista, artista ou outra personalidade negra que os inspire. Essa atividade pode ser ajustada conforme os aspectos linguísticos que estejam sendo trabalhados em sala.



6. BIOGRAFIA DE DANDARA E ZUMBI - COLEÇÃO BLACK POWER (EDITORIA MOSTARDA) E HISTÓRIA PARA NINAR GENTE GRANDE (50') EF2

Por meio da leitura da biografia de Dandara e Zumbi, da Coleção Black Power (Editora Mostarda), os estudantes podem reconhecer figuras históricas

que protagonizaram a luta por liberdade e igualdade de direitos para o povo afro-brasileiro. A linguagem acessível e o formato breve tornam essa leitura adequada mesmo para turmas com menor familiaridade com textos longos.

Após a leitura, o professor pode promover uma conversa inicial com base em perguntas como:

- Vocês já conheciam os detalhes da história de Dandara e Zumbi? Onde ouviram falar deles pela primeira vez?**
- O que mais chamou sua atenção nessa biografia?**
- Que outros heróis e heroínas negros vocês conhecem e consideram importantes na história do Brasil ou do mundo?**
- Você conhece alguma pessoa que, hoje, luta por igualdade racial? Quem é essa pessoa? O que ela faz?**

Além disso, é possível propor uma discussão mais aprofundada sobre a invisibilização histórica da luta do povo negro no Brasil. Para isso, uma sugestão potente é trazer o samba-enredo História pra Ninar Gente Grande, da Estação Primeira de Mangueira, vencedor do Carnaval de 2019.

A letra do samba homenageia personagens negros historicamente apagados dos livros escolares e propõe uma narrativa alternativa que valoriza o protagonismo negro.



Clique aqui para acessar o livro.



Clique aqui para acessar a letra.



A escuta e análise da música podem ser acompanhadas por questões como:

- Você já tinha ouvido esse samba? Quais personagens citados na letra lhe chamaram mais atenção?
- O que você aprendeu na escola sobre essas importantes personalidades negras brasileiras?
- Por que você acha que esses personagens negros não aparecem com o mesmo destaque que líderes políticos ou militares brancos nos livros didáticos?
- O que podemos fazer para superar essa subrepresentação e valorizar a diversidade de protagonistas na nossa história?

VIII. Sugestões de Atividades Alternativas para outras Disciplinas

A seguir, são apresentadas sugestões voltadas a professores de diferentes áreas do currículo escolar que desejem abordar a questão racial de forma integrada aos conteúdos específicos de sua disciplina.

1. CULTURA NEGRA (60') - GEOGRAFIA, HISTÓRIA, SOCIOLOGIA

Professores dessas áreas podem propor aos estudantes uma pesquisa sobre manifestações culturais negras em países de Língua Inglesa, como Nigéria, Nova Zelândia, Índia, entre outros. A atividade pode resultar em apresentações orais, cartazes, murais ou painéis digitais com informações, imagens e curiosidades que evidenciem a contribuição das populações negras para a construção cultural desses países.

2. JOGOS DE POVOS ORIGINÁRIOS (120') - LÍNGUA INGLESA OU PORTUGUESA, MATEMÁTICA E ARTES

Essa proposta interdisciplinar articula o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático

com o reconhecimento da diversidade cultural de países de Língua Inglesa ou Portuguesa. Após realizarem uma pesquisa sobre jogos tradicionais desses povos, os alunos podem confeccionar réplicas dos jogos nas aulas de artes visuais, sempre respeitando os recursos disponíveis na escola. Em seguida, devem elaborar, coletivamente, um texto explicativo em Língua Inglesa ou Portuguesa sobre o jogo pesquisado e suas regras, promovendo o uso da linguagem em contextos significativos e o respeito às culturas estudadas.

3. HUMANAÉ - ANGÉLICA DASS (120') - ARTES VISUAIS

A partir do projeto Humanae, da fotógrafa brasileira Angélica Dass, que associa diferentes tons de pele humana à escala de cores Pantone, o professor pode incentivar os alunos a refletirem sobre o conceito de “cor de pele” e a multiplicidade de tonalidades existentes.



Clique aqui para acessar um post
do seu Instagram.



Após a apresentação do projeto e de algumas imagens da exposição, os estudantes podem criar uma versão local da proposta, por meio de fotografias ou desenhos (com lápis de cor, tinta ou outros materiais disponíveis), registrando colegas ou membros da comunidade escolar e associando suas tonalidades à escala Pantone. Essa atividade promove o debate sobre identidade, diversidade e representatividade.

Essas são apenas algumas possibilidades de articulação entre a temática racial e os componentes curriculares. Outras adaptações das atividades apresentadas anteriormente também podem ser realizadas conforme a criatividade do professor, os objetivos pedagógicos e a realidade da turma.



Unidade 3:
Xenofobia / Imigração

I. Objetivos

- Compreender diferentes contextos em que a xenofobia se faz presente;
- Debater as motivações por trás da xenofobia;
- Discutir os conceitos de imigração, emigração e migração, além de compreender os fatores de atração e expulsão que os envolvem;
- Refletir sobre formas de arte urbana e sua função como denúncia política e social;
- Engajar os estudantes, em grupos, na criação de uma forma de arte urbana no espaço escolar, expressando seus pontos de vista sobre imigração ou xenofobia.



II. Contextualização

1. TRAILERS (30')

Para introduzir o tema, sugere-se a exibição dos trailers de alguns filmes que abordam, direta ou indiretamente, questões relacionadas à imigração, à xenofobia e à convivência entre diferentes culturas. Algumas sugestões são:

- **O Invasor Americano (2015)** – Documentário do cineasta Michael Moore, que viaja por países como França, Itália, Alemanha e Finlândia para conhecer boas práticas em áreas como trabalho, educação, saúde e igualdade de direitos. A comparação com os Estados Unidos permite reflexões sobre preconceito, nacionalismo e relações interculturais.



Clique aqui para acessar o trailer.

- **Babel (2006)** – Drama que entrelaça histórias de personagens em três continentes: dois jovens marroquinos, um casal americano em férias, uma adolescente japonesa surda e seu pai, além de uma babá mexicana nos Estados Unidos. O filme trata das dificuldades de comunicação, dos julgamentos baseados em nacionalidade e da complexidade das relações humanas globais.



Clique aqui para acessar o trailer.

- **Elementos (2023) – Animação da Pixar ambientada na Cidade Elemento, onde moradores dos elementos fogo, água, terra e ar convivem sem, no entanto, se misturarem. A metáfora traz à tona reflexões sobre diversidade, exclusão e xenofobia em uma linguagem acessível ao público infantojuvenil.**



Clique aqui para acessar o trailer.

Após a exibição dos trailers, o professor pode propor uma roda de conversa com questões como: O que esses filmes parecem ter em comum? Sobre que temas vocês acham que iremos conversar a partir deles?

Em seguida, o professor pode conduzir um brainstorming com os alunos, pedindo que digam palavras ou ideias que lhes vêm à mente ao ouvir a palavra "imigração". As contribuições devem ser registradas no quadro, formando um mapa mental colaborativo. Caso seja possível, essa etapa pode ser realizada em Língua Inglesa, de acordo com o nível linguístico da turma.

2. NOTÍCIAS (60')

Outra forma de aprofundar a discussão sobre xenofobia e imigração é por meio da leitura e análise de recortes de notícias reais, que ilustram situações de violência ou discriminação sofridas por migrantes em diferentes contextos. É interessante a utilização de notícias do Brasil, como o ocorrido contra venezuelanos em Roraima em 2018 ou o assassinato do congolês numa praia do Rio de Janeiro no início de 2022.



Clique aqui para acessar notícia de xenofobia contra venezuelanos em 2018.



Clique aqui para acessar notícia de xenofobia contra nordestinos.



Clique aqui para acessar notícia de assassinato do congolês Moïse em 2022.



Clique aqui para acessar notícia sobre xenofobia contra médicos cubanos em 2013.

Além delas, vale também apresentar outros casos que retratem a xenofobia pelo mundo, como na França (principalmente contra imigrantes advindos do continente africano), em Portugal (majoritariamente contra imigrantes brasileiros) e no Chile (contra peruanos) e nos EUA.



Clique aqui para acessar notícia de xenofobia contra asiáticos durante a pandemia.



Clique aqui para acessar notícia de xenofobia contra sul africana com origem nigeriana.



Clique aqui para acessar entrevista com brasileira que sofre com xenofobia em Portugal



Clique aqui para acessar artigo sobre comentários xenofóbicos sobre a dieta de imigrantes



Clique aqui para acessar artigo sobre xenofobia contra venezuelanos em países da América Latina

- Após a leitura coletiva ou em grupos, o professor pode propor algumas perguntas norteadoras para discussão:
- Vocês já tinham ouvido falar desses casos? O que mais chamou a atenção?
- Como esses fatos se conectam com os filmes vistos anteriormente?
- Que sentimentos essas notícias despertam em vocês?

3. GRAFITE (30')

Após a análise das notícias sobre xenofobia, propõe-se que o professor apresente aos alunos grafites que abordem a temática da imigração. (Sugestão de imagens com links abaixo.)



A visualização dessas manifestações artísticas pode servir como ponto de partida para uma discussão sobre o papel da arte como forma de expressão, resistência e denúncia social. Se possível, este momento pode ser enriquecido com a participação de um professor de Artes, em uma proposta interdisciplinar que articule linguagem visual, e crítica social.

III. Aspectos Linguísticos (20')

O professor de Língua Inglesa, após a discussão sobre o conceito de arte urbana, pode apresentar aos alunos exemplos de diferentes tipos de urban art, como graffiti, wheatpaste poster, sticker art, video intervention, etc. Essa etapa pode contribuir para a ampliação do vocabulário dos estudantes, ao passo que permite que eles reconheçam a diversidade de formas de manifestação artística nos espaços urbanos.




Clique aqui para acessar exemplos de graffiti.



Clique aqui para acessar exemplos de wheatpaste poster.



Clique aqui para acessar exemplos de sticker art.

 Clique aqui para acessar exemplos de urban intervention.

IV. Proposta Avaliativa

Os alunos devem ser convidados a realizar intervenções artísticas na escola por meio de alguma forma de arte - sugerimos a arte urbana, por dialogar melhor com o espaço escolar.

Organizados em grupos, os estudantes escolherão uma forma de expressão artística para utilizar como ferramenta de posicionamento crítico. As possibilidades incluem grafite, lambe-lambe, adesivos, intervenção urbana ou outra técnica que considerem apropriada.

Foto: Streetcolor / Yarn Bombing



Caso o espaço físico da escola não permita esse tipo de intervenção, sugerimos a criação de murais expositivos — que podem ser físicos ou digitais — para apresentar as obras produzidas.

Essas manifestações artísticas devem conter alguma forma de crítica à xenofobia e, preferencialmente, permanecer expostas para que toda a comunidade escolar possa entrar em contato com as produções e suas mensagens.

Foto: reprodução / Decora GNT



No caso da disciplina de Língua Inglesa, o professor pode propor que qualquer legenda, texto escrito, recitado, falado ou cantado seja produzido em inglês, promovendo a prática linguística em diálogo com a dimensão crítica do trabalho.

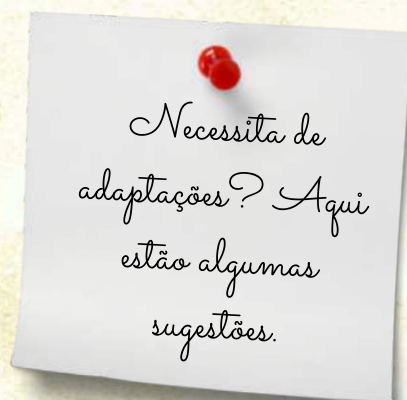
V. Critérios de Avaliação

Os critérios de avaliação podem ser, mais uma vez, negociados com os alunos, levando em consideração aspectos como habilidade artística, comprometimento com o projeto, impacto gerado no público, aspectos linguísticos, qualidade das críticas expressas e a adequação ao tema e à proposta.

A avaliação por pares ou a autoavaliação, conforme defendido por Jussara Hoffmann (1993), também podem ser incorporadas ao processo avaliativo, promovendo um ambiente reflexivo e colaborativo.

Caso o docente não tenha abordado todas as atividades de contextualização sugeridas - como, por exemplo, a arte urbana como forma de protesto -, ele pode adaptar a proposta avaliativa à realidade da sua turma. Uma alternativa seria propor uma mostra cultural, na qual cada aluno traga um objeto ou prepare um prato típico de algum país onde o inglês seja língua oficial, promovendo, assim, uma feira cultural na escola.

Outra possibilidade seria solicitar que os alunos escrevam uma notícia fictícia sobre uma vitória da tolerância contra a xenofobia, estimulando a produção de conteúdo criativo e a reflexão sobre o tema.



VI. Materiais Alternativos de Acesso Livre para a Contextualização

Se o professor desejar realizar atividades de contextualização, mas tiver dificuldade para acessar alguns dos materiais indicados anteriormente ou utilizá-los com sua turma, sugerimos a seguir algumas alternativas. Essas sugestões incluem também recomendações feitas pelos participantes da pesquisa. Esses materiais podem apoiar a criação de novas atividades para abordar as temáticas da imigração e da xenofobia de forma acessível e adaptada à realidade de cada sala de aula.



1. **XENOPHOBIA IN AMERICA: HOW WE GOT HERE AND WHAT'S AT STAKE - ERIKA LEE (40')**

O professor poderá exibir uma Ted Talk em que a historiadora estadunidense Erika Lee fala sobre a xenofobia nos EUA.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Após a exibição do vídeo, o professor pode promover uma discussão sobre a temática da unidade com base nas perguntas a seguir:

- Por que Erika Lee afirma que dizer que a relação entre os EUA e a imigração é complicada é um eufemismo?
- Quem foi visto pelos estadunidenses brancos como “outros” e por quê? Quais são as consequências citadas por Erika para essa visão excludente dos “outros”?
- Erika Lee menciona uma lei que expulsou os chineses dos EUA no final do século XIX. Por que ela faz essa menção?
- Por que a Ku Klux Klan foi mencionada? Qual a sua relação com a xenofobia?
- De que forma o movimento pelos direitos civis contribuiu para a imigração nos EUA?
- Qual a relação do 11 de setembro com a xenofobia?
- De que forma a xenofobia impacta quem não é imigrante nos EUA?
- Qual é a importância das histórias de imigrantes compartilhadas por meio do projeto de Erika Lee?
- De acordo com seus conhecimentos, que semelhanças ou diferenças você encontra entre a imigração nos EUA e no Brasil?

2. MIGRAR - JOSÉ MANUEL MATEO (15' - debate)

O livro conta a história da imigração de duas crianças e sua mãe para os EUA com o intuito de encontrarem seu pai. A narrativa retrata os perigos enfrentados na travessia rumo ao desconhecido.

Após a leitura do livro - que pode ser feita em casa ou em sala, com mediação do professor - os estudantes poderão debater sobre o tema com base nas perguntas a seguir:

- O que atrai imigrantes para os EUA?
- Qual foi o maior desafio enfrentado pelas crianças?
- Como você se sentiria se fosse um dos protagonistas?
- Você já pensou em morar fora do Brasil? Por quê? Para onde gostaria de ir?

3. CALM DOWN - REMA E SELENA GOMEZ (40')

Imagem: Wikipédia / Rema



Foto: Selena Gomez - Emilia Perez Premiere



A música **Calm Down** não trata diretamente da imigração, mas traz aspectos culturais relevantes: o cantor **Rema** é nigeriano, e **Selena Gomez**, estadunidense, tem origem mexicana.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar a letra.

O professor pode aplicar uma atividade de fill in the blanks, projetando a letra da música no quadro ou distribuindo cópias da atividade aos estudantes. Vale destacar que a música não é cantada inteiramente em inglês.



Clique aqui para acessar a
atividade

Após ouvirem a música, os estudantes podem ser convidados a perceber, com apoio do professor, os sotaques dos cantores e as variações linguísticas presentes na canção.

4. A REFUGEE'S JOURNEY - VIDEO (30')

O vídeo narra a jornada de um refugiado e não possui falas, apenas algumas frases explicativas. O professor pode optar por antecipar o ensino (pre-teach) de determinadas palavras aos alunos. Caso prefira, o professor também pode explicá-las durante a exibição.

Por isso, o vídeo também pode ser utilizado com turmas de nível linguístico mais básico.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Após a exibição, o professor pode promover um debate com base nas seguintes perguntas:

- O que motivou o personagem do vídeo a buscar refúgio em outro país?
- Quais outras motivações podem existir para refugiados deixarem seus países de origem?
- Quais são as dificuldades encontradas pelo personagem durante seu processo de fuga?

VII. Atividades Alternativas para Outras Séries

Para professores que atuam em outras séries, cujos alunos têm níveis linguísticos menos avançados ou uma maturidade diferente da exigida nas atividades anteriores, oferecemos alternativas para adaptar a abordagem dos temas imigração e xenofobia a diferentes etapas da Educação Básica.



1. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOBRE DIFERENTES PAÍSES (120') - EI / EF1

O professor que atua na Educação Infantil ou nos anos iniciais do Ensino Fundamental pode convidar seus alunos a “viajarem pelo mundo” com ele. Com essa proposta, o professor pode selecionar livros cujas histórias se passam em diferentes lugares, permitindo que os estudantes conheçam um pouco sobre cada um deles.

Depois, as crianças podem visitar outras salas para apresentar um elemento cultural de cada país “visitado” às demais turmas.

Algumas sugestões de livros que “visitam diversos países” são:

- **Em Angola Tem? No Brasil Também!** - Rogério Barbosa: Matondo, que vive em Luanda, Angola, e Josinaldo, em Salvador, Brasil, mantêm uma troca de correspondências. Aos poucos, os dois garotos descobrem diversas afinidades em seus gostos e percebem semelhanças entre suas cidades, incluindo aspectos do estilo de vida, da cultura e da religiosidade.



Clique aqui para acessar o livro

- **Paris - Coleção Isto É** - Miroslav Sasek: Paris, uma das cidades mais conhecidas do mundo, é cheia de história, arte e cultura. O autor leva os leitores a um passeio divertido pela cidade, mostrando curiosidades sobre seus museus, arquitetura e paisagens famosas.



Clique aqui para acessar o livro

- **Diário de Pilar na Índia - Flávia Lins e Silva:** Pilar, Breno e o gato Samba viajam para a Índia. Durante a jornada, encontram Kamala, uma atriz de Bollywood, e juntos exploram a cultura, a culinária e os aspectos espirituais do país. Viajam de trem, riquixá e bicicleta, visitam locais como o Taj Mahal e o rio Ganges, e conhecem o Dalai Lama. Participam de um casamento indiano, praticam yoga e meditação, e aprendem sobre Buda, Gandhi e a história da resistência não violenta.



Clique aqui para acessar o livro



2. STAND UP COMEDY - TREVOR NOAH (40' a 60') - EM
Para estudantes do Ensino Médio, sugerimos que o professor apresente um vídeo do comediante sul-africano Trevor Noah. O vídeo escolhido traz um exemplo em que, por meio do humor, Trevor faz críticas contundentes à xenofobia.

Foto: Dimitrios Kambouris/Getty Images



Nessa apresentação, o comediante aborda diferentes sotaques e idiomas, além de comentar aspectos culturais e linguísticos de vários lugares do mundo. Após assistirem ao vídeo, os estudantes podem discutir alguns dos assuntos mencionados.



Clique aqui para acessar o vídeo.

Caso o tempo seja limitado, o professor pode optar por apresentar apenas a parte inicial do vídeo.

Aqui estão algumas sugestões que podem guiar o debate acerca de imperialismo linguístico, variações linguísticas regionais e xenofobia.

- **Segundo Trevor, como ele aprendeu tantos sotaques?**
- **Por que integrantes da plateia originários de diferentes países falam inglês?**
- **Por que Trevor teve problemas com o governo francês? Que semelhanças ele aponta entre o colonialismo francês e o inglês?**
- **Qual é a relação entre o colonialismo e a diversidade de origens da plateia?**
- **O que você pensa sobre o comentário de Trevor a respeito do fato de pessoas com origem africana poderem “se tornar francesas” como se isso fosse uma conquista? Você concorda com essa afirmação? Por quê?**

Caso o professor prefira, há outras opções de vídeos mais curtos, que tratam de forma mais direta temas como colonialismo, imigração e xenofobia. Um deles, por exemplo, aborda especificamente a colonização inglesa da Índia.



Clique aqui para acessar o vídeo.



Clique aqui para acessar o vídeo.

3. A JABOTA POLIGLOTA - DENILSON BANIWA (150') - EI



Na Educação Infantil, o tema pode ser contextualizado com foco no Brasil, abordando, por exemplo, os preconceitos enfrentados pelos povos originários.

O livro A jabota poliglota, de Denilson Baniwa, narra a história de uma jabota que usa diferentes línguas para escapar de se tornar o jantar de um predador.

Ao final da obra, a história é apresentada também em nheengatu (uma língua indígena amazônica), junto com exemplos de palavras de origem indígena.



Clique aqui para acessar o livro

Após a contação da história, o professor pode convidar os alunos a pesquisar e listar palavras de diferentes origens usadas no cotidiano. A partir dessa lista, pode ser criado um dicionário imagético ilustrado pelos próprios estudantes.

4. O QUE FICOU PRA TRÁS - NETFLIX (240') - EM / Subsequente / Graduação

O filme sugerido é do gênero terror, e explora sentimentos intensos, como o medo e a angústia. Como a classificação indicativa é de 16 anos, a obra pode ser utilizada com turmas do Ensino Médio, do Ensino Subsequente ou da Graduação para refletir sobre a temática. O filme utiliza o terror como metáfora para representar os sentimentos vividos por imigrantes ao deixarem seus países.

Após a exibição, os estudantes podem expressar as emoções despertadas pelo filme em um debate ou por meio de manifestações artísticas, como pintura, colagem, escrita ou música.



VIII. Sugestões de Atividades Alternativas para Outras Disciplinas

Apresentamos a seguir sugestões para que professores de diferentes disciplinas possam abordar os temas da imigração e da xenofobia de forma integrada aos conteúdos específicos de suas áreas.

As propostas a seguir são apenas algumas possibilidades de adaptação - certamente há espaço para outras, de acordo com os contextos de cada turma e escola.



1. NOTÍCIAS - LÍNGUA PORTUGUESA, SOCIOLOGIA, GEOGRAFIA (60')

Professores de Língua Portuguesa podem promover uma roda de leitura com textos que abordem a xenofobia, como notícias e reportagens, em língua portuguesa. Essa atividade pode contribuir para o desenvolvimento de empatia, compreensão e respeito pelas diferentes culturas.

A seguir, sugerimos notícias que abordam casos de xenofobia no Brasil, as quais podem ser utilizadas por professores de Língua Portuguesa, Sociologia ou outras áreas.



Clique aqui para acessar notícia de xenofobia contra venezuelanos em 2018.



Clique aqui para acessar notícia de xenofobia contra nordestinos.



Clique aqui para acessar notícia de assassinato do congolês Moïse em 2022.



Clique aqui para acessar notícia sobre xenofobia contra médicos cubanos em 2013.



Também podem ser incluídos textos que tratam de episódios de xenofobia envolvendo imigrantes em outros países, apresentados em língua portuguesa.



Clique aqui para acessar notícia de xenofobia contra latinos na Espanha e França.



Clique aqui para acessar notícia de xenofobia no futebol europeu.



Clique aqui para acessar notícia sobre xenofobia na África do Sul



Clique aqui para acessar artigo sobre xenofobia contra asiáticos durante a pandemia

A partir desses textos, é possível promover um debate sobre as motivações da xenofobia e estratégias para enfrentá-la.

Professores de Geografia também podem associar esse debate ao conceito de movimentos migratórios, que integra os conteúdos da disciplina.

2. MIGRAÇÃO FORÇADA - ARTES (40')

Por meio da análise de obras de artistas como Cândido Portinari, Ai Weiwei e Banksy, o professor pode estimular o debate com os estudantes sobre a migração forçada e os refugiados que buscam proteção em diferentes países. Podem ser discutidos os fatores que levam essas pessoas a deixar seus países e aqueles que tornam certos lugares mais atrativos como destino.

Para isso, podem ser exploradas obras como Os Retirantes, Life Jackets, Law of The Journey e os murais de Banksy sobre imigração, entre outras. Abaixo, estão disponíveis imagens com links para essas obras.

Imagem: IBTimes UK / Ai Weiwei - Life Jackets



Reprodução fotográfica Raymond Asseo



Gilbert Sopakuwa/Flickr



BBC News / Murais sobre imigração - Bansky



3. ARTES E IMIGRAÇÃO / XENOFOBIA - INFORMÁTICA EDUCATIVA (40')

Após apresentar algumas das obras sugeridas nesta unidade e debater com os estudantes sobre os desafios relacionados à imigração, o professor de Informática Educativa pode incentivá-los a criar uma obra de arte digital. A produção pode ser feita individualmente, em duplas ou em grupos, conforme a preferência da turma e os recursos tecnológicos disponíveis na escola. Ferramentas como o Canva ou recursos de inteligência artificial, sempre com a mediação do professor, podem ser utilizados na criação das obras.

4. DANÇA - EDUCAÇÃO FÍSICA (120')

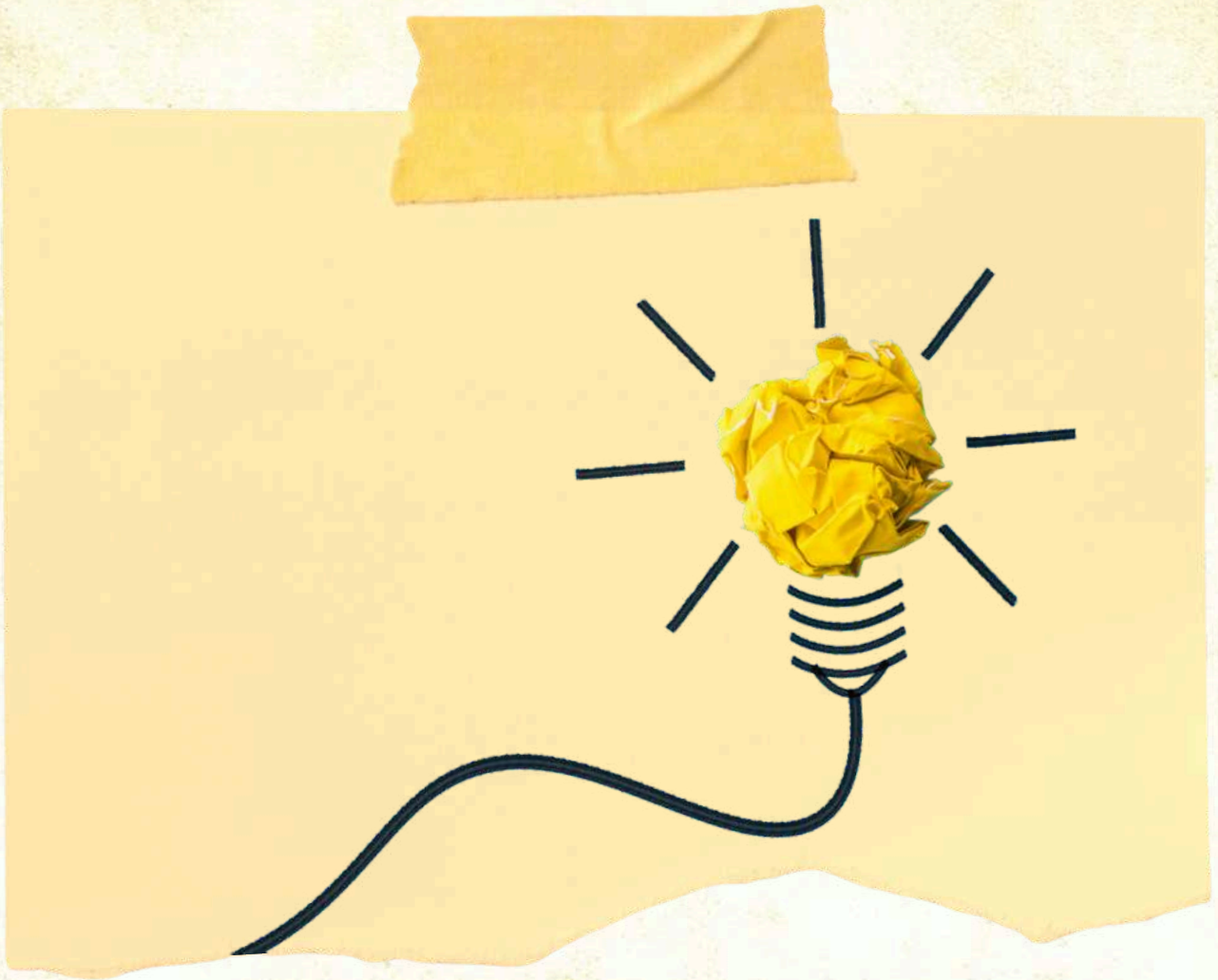
O professor de Educação Física que desejar abordar essa temática em suas aulas pode fazê-lo utilizando as notícias ou obras de arte apresentadas anteriormente, propondo que os estudantes usem a dança como forma de expressão artística.

Organizados em duplas ou grupos, os estudantes deverão escolher uma música e criar uma coreografia que expresse os temas debatidos e os sentimentos gerados nas discussões.

Caso seja possível possível, a atividade pode se tornar um trabalho interdisciplinar, com a participação dos professores de Língua Portuguesa, Artes e Sociologia, enriquecendo o processo de criação e de reflexão.



As atividades sugeridas podem ser adaptadas de diversas formas, de modo que professores de diferentes áreas possam abordar os temas da imigração e da xenofobia em suas aulas. Estas são apenas algumas entre inúmeras possibilidades.



Outros Temas

Convidamos os participantes da pesquisa a sugerir novos temas relevantes para futuras unidades deste caderno pedagógico, considerando sua importância para os estudantes e um possível enfoque crítico e contra-hegemônico.

A seguir, apresentamos algumas das sugestões recebidas, que podem ser desenvolvidas por meio de atividades semelhantes às propostas neste material, com as adaptações necessárias.

- Acessibilidade e inclusão
- Saúde mental na escola
- Bullying e cyber bullying
- Crise climática/sustentabilidade
- Racismo ambiental
- Homofobia e transfobia
- Inteligência artificial
- Vício em celular
- Emoções/autoconhecimento

Esses temas ampliam o horizonte de possibilidades pedagógicas voltadas para a formação crítica e sensível dos estudantes, favorecendo o desenvolvimento de uma educação mais justa, diversa e transformadora.





A Elaboração do Produto Educativo

I Percurso de Criação do Produto Educacional (PE)

Para a elaboração deste PE, seguimos algumas etapas essenciais:

- Proposição de atividades avaliativas para cada unidade temática, com base em experiências pedagógicas prévias.
- Validação e aprimoramento do PE a partir do feedback de colegas professores de Inglês participantes da pesquisa de mestrado vinculada à produção deste material. Por meio de questionários digitais, os docentes puderam registrar suas opiniões e sugestões, permitindo o aperfeiçoamento do PE.





II Considerações Finais

Esperamos que essas sugestões contribuam para a promoção de ações de avaliação sob uma perspectiva contra-hegemônica, adaptáveis às necessidades de cada professor. As adaptações devem ser feitas considerando as especificidades de cada turma e de sua instituição de ensino. O objetivo é oferecer alternativas às provas tradicionais, minimizando o potencial de manutenção das hegemônias que muitas vezes essas avaliações representam.

Nosso desejo é que as ideias contidas nesta coletânea gerem novas reflexões e auxiliem, não apenas na escolha de materiais e temáticas, mas também no aprimoramento das práticas avaliativas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, Rubem. Educação dos sentidos e mais. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- ARRAES, Jarid. Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis. 1. ed. São Paulo: Seguinte, 2020.
- BAGNO, Marcos. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, p. 89–117, 2013.
- BARCELLA, Laura; LOPES, Fernanda. Lute como uma garota: 60 feministas que mudaram o mundo. São Paulo: Cultrix, 2018.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BROOKHART, Susan M. O uso de rubricas na educação básica: revisão e recomendações. Estudos em Avaliação Educacional, v. 35, artigo e10803, 2024.

- DUBOC, Ana Paula Martinez. A avaliação da aprendizagem de língua inglesa segundo as novas teorias de letramento. Fragmentos, n. 33, p. 263–277, 2007.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FIDALGO, Sueli Salles. A avaliação na escola: um histórico de exclusão social-escolar ou uma proposta sociocultural para a inclusão? Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 6, n. 2, p. 15–31, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 85. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- FREIRE, Paulo. Política e educação: ensaios. São Paulo: Cortez, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere: volume 2: os intelectuais, o princípio educativo, jornalismo. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas. São Paulo: Cortez, 2018.
- MAYO, Peter. Hegemony and education under neoliberalism: insights from Gramsci. New York: Routledge, 2015.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- RODRIGUES, Bianca Costa; ROCHA, Marinalva Pires dos Santos; GONÇALVES, Rejane Maria. Um olhar sobre a prática avaliativa em língua inglesa. Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária, v. 3, n. 1, p. 5–21, 2011.

